



Ant.º Luis de Saeber

Est. & vend. B. A. de Loe

ANTONIO LUIZ DE SEABRA



ste escrito não é uma biographia, nem podia sê-lo porque nos faltavam as principaes partes que deviam entrar na sua composição. Tambem para referir e apreciar devidamente os actos de um homem, que desde muitos annos tem exercido influencia consideravel nos negocios publicos d'este reino, sem todavia desacompanhar o movimento litterario da nossa geração, seria acanhado o espaço que a Revista podia conceder-nos.

Nos escassos apontamentos, que lhe damos, encontrará pois o leitor um resumo fiel das noticias, que ácerca do sr. Antonio Luiz de Seabra achamos escritas, recebemos de tradição alheia, soubemos como testemunhas presencias, ou casualmente ouvimos áquelle cavalheiro nas occasiões em que tivemos a honra de lhe fallar. Nada mais.

É fiel o retrato. Foi-nos dado pela estimavel familia da pessoa que representa, e com elle deviam chegar apontamentos

biographicos, que nunca obtivemos. Da bondade, com que sempre nos tratou o sr. Seabra, alcançámos a promessa muito formal d'elles, mas não veio a realisar-se dentro do tempo util para satisfazer o desejo da direcção da Revista e a justa curiosidade do publico. Um retrato com que S. Ex.^a se dignou favorecer-nos, e que por ventura o representava menos acabrunhado pelas teimosas sezões que padecia quando foi tirado que o dá hoje a Revista, tambem se não pôde aproveitar, por vir fóra de occasião.

Não desconhecemos quão ardua é a empresa de — n'este logar em que a respeito de outros homens igualmente celebres nos precederam as mais elegantes e eruditas pennas do nosso tempo — escrever ácerca de pessoa tão festejada de entusiastas devotos quão aggedida e maltratada por inimigos enfurecidos. Não nos acobardamos com isto.

O fulgor dos que n'estas paginas derramaram tanta luz, ainda ha de emprestar claridade as ópacas linhas que estamos escrevendo agora, e o nosso espirito de rectidão ha de passar incolume por entre os applausos de uns e os uivos descompostos de outros. Narrar com verdade e sem paixão é o nosso dever. Apreciar pertence á posteridade nas severas paginas da historia.

II

A] 25 de dezembro de 1799 singrava nas alturas de Cabo Verde um navio em que demandava as praias do Rio de Janeiro Antonio Seabra da Motta e Silva, Ouvidor nomeado para Villa do Principe em Minas Geraes, e sua esposa, D. Dorothea Bernardina de Sousa Lobo, que andava no ultimo periodo da gravidez. Alli no estreito recinto d'aquella embarcação, e no dia indicado, deu esta senhora á luz um menino que depois a igreja inscreveu no registro dos catholicos em uma das parochias do Rio de Janeiro. O recém-nascido era o sr. Antonio Luiz de Seabra.

D'ahi veiu dizer-se que o sr. Seabra nos poderia ser disputado pelos nossos irmãos de além mar, hoje emancipados e constituídos em florescente imperio, se elle não tivera antecipadamente resolvido o pleito acceitando a nacionalidade portugueza. Foi engano. O illustre auctor do Codigo Civil nasceu em casa portugueza, sobre agoas portuguezas ou muito acostumadas a tolerar o nosso dominio, e tão portuguez de coração quanto os successos da sua vida o teem provado sempre.

Veiu o sr. Seabra para o reino a cursar os estudos da Universidade de Coimbra e n'ella fez formatura na faculdade de

Direito no anno de 1820, cuja revolução liberal festejou com um soneto mui celebrado então e já repetidas vezes impresso depois. Devia pertencer á cohorte dos livres quem nascêra sobre o elemento que mais largamente symbolisa a liberdade.

Em 7 de maio de 1821 foi despachado juiz de fóra da alfandega da Fé, e no exercicio das funcções d'este cargo recebeu do governo os maiores testemunhos de louvor,¹ que então ainda não andavam á mercê de um amanuense de estylo asiatico, e eram rigorosamente escritos em lingoagem portugueza. Tempos antigos!

Alli serviu até 1823 em que o sr. infante D. Miguel saiu de Lisboa para Santarem, e em que el-rei D. João VI no intuito de prevenir maiores desastres resolveu tambem retirar-se para Villa Franca, d'onde por entre nuvens de poeira o trouxeram para a capital muitos realistas e bastantes liberaes, reintegrando-o no exercicio do poder absoluto sem as vinganças e cruezas de quas todas as restaurações.

Apenas constou ao sr. Antonio Luiz de Seabra a mudança politica acontecida na capital, enviou immediatamente ao ministro das justiças a sua demissão fundada no desejo de permanecer fiel ao juramento constitucional. Outro magistrado que

¹ Manda el-rei, pela secretaria de estado dos negocios de justiça, participar ao juiz de fóra da Villa de Alfandega da Fé, Antonio Luiz de Seabra, que sendo-lhe presentes, pela sua conta de 17 do corrente mez, em que relata os abusos que encontrou no expediente da justiça no foro contencioso, assim na má organização do processo, falta de formulario, e distribuição, nullidades, e excesso de salarios, como na falta de inventarios, e nenhuma administração dos bens dos orfãos, as providencias que deu logo, ordenando processos regulares, distribuidos competentemente, fazendo que os escrivães tivessem inventarios de seus cartorios, cohibindo todo o excesso de salarios, reformando conforme á lei todas as contas, que achou não conformes com o respectivo regimento, reduzindo os processos crimes a melhor ordem, fazendo desterrar todos os termos e escriptas inuteis, feitas só com o fim de augmentar os salarios, e applicando o indulto do decreto de 22 de Março d'este anno aos réos, que por descuido ou incuria, se não tinham aproveitado d'elle; fazendo *outro sim conhecer e progredir o systema constitucional pelos meios suaves da persuasão; e tendo conseguido o melhoramento que desejava, e o conveniente ao serviço da Nação: ha por bem Sua Magestade louvar muito o zelo, actividade e intelligencia, com que o dito juiz de fóra tem procedido, e espera que continue a fazer tão importantes serviços, como os que tem praticado até ao presente.* Palacio de Queluz em 3 de dezembro de 1821. — José da Silva Carvalho. — (Diario do Governo de 6 de dezembro de 1821.)

então servia de superintendente do sal em Setubal, Manoel Antonio de Carvalho depois barão de Chancelleiros, procedeu com egual ousadia, e ambos foram excepcionalmente exonerados pelo requererem. A exoneração do sr. Seabra foi em 30 de julho de 1823.

Em 17 de agosto de 1825 teve o provimento do lugar de juiz de fóra de Montemór-o-velho, porém só a 14 de janeiro de 1827 tomou posse por dever esperar que o seu antecessor acabasse o tempo de serviço. N'este cargo o vieram encontrar os acontecimentos politicos de maio de 1828, nos quaes coube ao joven magistrado parte vigorosa e activa.

Desde que rebentou a revolução militar do Porto, o sr. Seabra organisou em Montemór um corpo de cavallaria, cujo commando exerceu durante aquella curta e desventurosa campanha,¹ emigrando com os seus camaradas para a Galliza e de lá para Inglaterra e Belgica, onde muito avultou entre os emigrados pela sua grande capacidade e pela publicação de varios folhetos politicos dos quaes um se intitulava: *Exposição apologetica dos portuguezes emigrados que recusaram prestar o juramento d'elles exigido no dia 26 de agosto de 1830, Bruges, 1830 em 8.º gr.*

Já em 1821 fóra em Coimbra um dos fundadores e colaboradores do jornal mensal publicado em janeiro d'esse anno com o titulo: *O Cidadão Litterato, periodico de politica e litteratura.*

Nomeado corregedor de Alcobaça pelo regente D. Pedro duque de Bragança, o sr. Seabra foi accusado com violencia de factos culposos ácerca dos bens dos religiosos de S. Bernardo n'aquella villa. A esta accusação, respondeu com um folheto intitulado: *Observações do ex-corregedor de Alcobaça Antonio Luiz de Seabra, sobre um papel enviado á camara dos srs. deputados, ácerca da arrecadação dos bens do mosteiro d'aquella villa, Lisboa 1835.* Era então deputado, e n'esta qualidade trouxera tão delicado assumpto ao parlamento, obrigando o ministro das justicas José da Silva Carvalho a declarar na camara em sessão de 21 de outubro de 1834 que o procedimento do sr. Seabra estava inteiramente illibado e se tinha havido perfeitamente bem, declaração valiosissima por ser a favor de um deputado da opposição e em tempo em que as paixões politicas andavam mais á solta

Em 25 de outubro de 1834 foi despachado para procurador regio da Relação de Castello Branco, porém não chegando a organisar-se este tribunal, veio exercer o lugar na de Lisboa desde 22 de maio de 1835 até á revolução de setembro de 1836, depois da qual deu a

¹ Foi encarregado da defeza da margem direita do Vouga, combateu na acção do Marnel, e foi demittido pelo sr. D. Miguel a 4 de julho de 1828.

sua demissão do cargo de confiança e passou para a Relação de Lisboa em 26 de fevereiro de 1840 sendo transferido para a do Porto como juiz com exercicio desde 5 de maio de 1840. Em 1836 tinha redigido em Lisboa o jornal politico: *O Independente*.

A restauração da carta em 1842 desorganizou o antigo partido cartista, e reconstruiu-o com pessoal differente e com intuitos politicos mui diversos dos que haviam dirigido as reformas de Mousinho da Silveira e de Joaquim Antonio de Aguiar. Os cartistas de 1834 ficaram sendo partidarios sem partido, soldados sem chefe, ou chefes sem soldados, e na dura alternativa de sacrificarem as idéas ao nome, ou de perderem o nome para permanecerem dentro das raias dos principios.

N'esta situação, e por assim dizer sem partido politico, estava o sr. Seabra quando surgiu a resistencia opposta pela cidade do Porto ao golpe de estado de 6 de outubro de 1846. Na junta organizada então por Passos (José) coube ao sr. Seabra a pasta do reino, na qual se houve com a sua costumada intelligencia e com muita lealdade ao pensamento da junta, segundo ouvimos dizer ao sr. Passos (José). Ambos os Passos tinham pelo sr. Seabra a consideração que os homens de subido valor e despidos de miseraveis invejas, não sabem negar ao merito alheio.

O sr. Seabra assim como o sr. Sebastião de Almeida e Brito não assignaram o decreto pelo qual a junta deu por concluida a sua missão. Alguns dias antes tinham-se ambos retirado em occasião sem duvida em que a prolongação das hostillidades lhes pareceria, sobre inutil, deshumana.

Estes cavalheiros nunca explicaram similhante facto, talvez porque os boatos que então correram lhes não foram desfavoraveis, e revelaram as dissidencias a que se attribuiu a abstenção dos srs. Seabra e Almeida e Brito. A imprensa tambem não quiz anticipar-se á historia na indagação das causas. Fazemos á similhança do maior numero, e acreditemos que foram conscienciosos, e dignos da gravidade e bom character d'estes dous notaveis portuguezes os motivos que os determinaram a proceder assim. Está-lhes ainda hoje servindo de abonador a geral estima que nunca desamparou aquelles membros da junta.

N'esse tempo e já desde 1845 havia no Porto um jornal intitulado: *A Estrella do Norte*, que pelo alcance das doutrinas, pela qualidade do estylo, e pelas informações exactas que mostrava ter dos negocios publicos, se julgava fosse inspirada por homem de grande tino e de elevada posição social. A opinião geral nomeava o sr. A. L. de Seabra, e concedeu á folha du-

rante o governo da junta o caracter de jornal semi-official que outras egualmente possuíam.

A regeneração a que déra principio a insurreição que favoreceu a revolta militar do marechal Saldanha em 1831, aproveitou o talento do sr. A. L. de Seabra, e em 4 de março de 1832 confiou-lhe a pasta das justiças, que conservou durante seis mezes até ser substituido interinamente pelo sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães, então ministro do reino.

Tem o sr. Seabra sido deputado em differentes legislaturas ¹ desde 1834 em que foi eleito por Villa Real, e na ultima sessão era presidente da Camara Electiva, honroso e difficil cargo em que senão serviu complacente, tambem não desgostou gravemente a opposição ou o governo.

N'esta quadra da sua vida politica e occupado com trabalhos de outra natureza, o sr. Seabra não pertence activa e energicamente a nenhum dos grupos mais vigorosos nas lides politicas, e o seu voto poderá sem admiração nem offensa das differentes parcialidades ser favoravel ora ao governo ora á opposição, mas sempre conforme com os principios da justiça cujo sacerdote é, e com as idéas liberaes a que permaneceu constantemente fiel.

O sr. Antonio Luiz de Seabra é um dos vinte e cinco pares ultimamente nomeados. Cabia-lhe de direito um lugar entre os proceres do reino. Lá está.

III

São numerosos os escriptos litterarios do sr. Seabra. Talvez se deva contar em primeiro lugar a *traducção em verso de uma ode latina* de Francisco Botelho de Moraes e Vasconcellos, publicada na *Mnemosine Lusitana* em 1816, uma ode em francez feita na Belgica e ali publicada, e um projecto de instrucção primaria de que fôra encarregado por decreto de 3 de agosto de 1835 e que foi louvado em decreto de 28 de setembro do mesmo anno.

Em 1846 imprimiu no Porto em dois tomos de 8.^o as *Satyras e Epistolas de Quinto Horacio Flacco traduzidas e annotadas*, traducção que foi recebida com grande distincção pelos cultores das boas letras patrias e latinas, a cuja curiosidade faltava uma traducção d'esta parte das obras do favorecido de Mecenas e de Augusto.

Em 1849 deu á luz um folheto de 14 paginas impresso na

¹ Em 1834, 1836, 1838, 1852, e 1861.

typographia da *Revolução de Setembro* com o titulo: *Observações sobre o artigo 630 da Novissima Reforma judiciaria*, e em 1850 publicou na imprensa da Universidade em um volume de 8.º gr. a obra: *A Propriedade, Philosophia do Direito: para servir de introdução ao Commentario sobre a lei dos Foraes*. Era uma resposta ao celebre livro de Proudhon ácerca da propriedade, livro que o proprio partido liberal repelle hoje, assim como não reconhece no autor a qualidade de correligionario. Esta obra do sr. Seabra devia ter segundo volume que não chegou a publicar-se.

Era antigo em Portugal o desejo de possuir codigo civil. Dava da acclamação da casa de Bragança. Não era só desejo,urgia tambem a necessidade, e de maneira que o Digesto Portuguez do nosso jurisconsulto Correia Telles desde a sua publicação principiou a ter no foro quasi auctoridade de lei competentemente promulgada. Incumbiu o governo esse encargo ao sr. Antonio Luiz de Seabra que em 1857 deu á luz o *Projecto do Codigo Civil Portuguez* impresso em Coimbra.

A esta obra acudiram com observações e reparos os srs. Alberto Antonio de Moraes Carvalho, Joaquim José Paes da Silva, Vicente Ferrer Neto Paiva, e o sr. Freitas, jurisconsulto brasileiro, dando occasião a publicarem-se varios folhetos do auctor em resposta, todos impressos em Coimbra em 1858 com o titulo de *Apostillas*.

Mereceria ver a luz publica a collecção dos discursos do sr. Seabra, na camara dos deputados onde as suas qualidades de orador fortalecidas por notavel instrucção lhe conciliaram sempre attenção e respeito, muitas vezes sincera admiração.

Ouvimos ha annos ao sr. A. L. de Seabra que tinha concluido um romance, em que o protogonista era o dr. Antonio Homem, mais conhecido pelo nome de *Preceptor infelix* e victima da Inquisição de Coimbra. Até agora não foi publicada esta obra em que tão largamente deviam manifestar-se os dotes de philosopho, de poeta e de prosador que o sr. Seabra possui.

IV

Versado na litteratura antiga e na moderna, excellente poeta da escola classica, prosador correcto, jurisconsulto intelligente, magistrado esclarecido, orador facundo, e homem de fino tracto e boa condição, é o sr. Antonio Luiz de Seabra uma das pessoas mais notaveis de Portugal, e uma das que com maior justiça são geralmente respeitadas.

Tem o titulo do Conselho de Sua Magestade, o de ministro de estado honorario, a grã cruz da ordem antiga de S. Thiago, a commenda de Christo, e o diploma de Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

O partido conservador e o partido progressista podem inscrever nos respectivos catalogos dos seus membros o nome illustre do auctor do codigo civil porque em ambos militou, impellido de dois pensamentos mui nobres, o de manter o throno e o de desenvolver a liberdade, ambos difficeis de conciliar ás vezes por causa das paixões humanas, mas ambos de sua natureza analogos e estreitamente unidos onde houver de realisar-se progresso duradouro, governo forte, e desenvolvimento real de publica prosperidade.

Se o sr. Antonio Luiz de Seabra conseguir, como desejamos, a approvação do seu *Codigo Civil*, bastará este monumentõ para livrar as gerações vindouras do labeo de ingratição para com a memoria de um homem que por tantos outros titulos é benemerito da patria.

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS.

CONTOS

DE NOITE TODOS OS GATOS SÃO PARDOS

I

A TRIPEÇA DO MESTRE BRAZ



eus nos acuda ! Maria Santissima valei-nos ! Chavecos mouros aqui ás barbas de Lisboa !... *Abrenuncio !*

—«É como lhe estou contando, sr.^a Angelica do Céu. Por um triz não deitam as unhas ao sr. infante D. Francisco, irmão de el-rei. Esta saltou fresquinha agora ali da casa dos tabelliães. Disse-m'a um freguez. Foi perto do Cabo da Roca.»

—«Arrebetado seja o demo ! Nossa Senhora do Amparo ! Mas o que ia o infante espreitar tão longe da barra ? Ai, mestre Braz, aquella cabeça nunca andou certa. Sempre mettido nos

mattos com os lobos, ou...»

—«Alto ! Nem pio, tia Angelica ! Pela boca morre o peixe ! Assente a espada na visinhança, quanto quiser, que eu tambem não sou santo e gosto de meu bocado de má lingua ; mas não se metta com as vidas das pessoas reaes. Nada de graças ! As paredes teem ouvidos e faz muito frio nos calabouços e enchovias.»

—«Salva tal logar! Amen. Tem muita razão, sr. Braz Topete. Não sabemos quem nos quer bem, nem quem nos quer mal; livre-nos Deus de inimigos de ao pé da porta, e do máu olhar dos tortos pela manhã em jejum! Ora muito me conta! Com que então o infante ía sendo quasi apanhado á saída da barra?! Essa não esperava eu saber com sessenta annos de vida peccadora! Louvado seja Deus!

—«Tal e qual! Sabe que mais? O peor ainda não se disse. Andam tão desaforados os malditos piratas, que se me vierem cochichar uma noite d'estas; — lá estão elles no caes da Pedra, e lá te levam a tua comadre para Argel, não me admiro nada.»

—«Havia de ter que ver! Captiva de argelinos?! Santo nome de Deus bemdito! Faz tremer as carnes! Sempre tem coisas este meu compadre! Credo! Anjo bento!... Boas barbas lhes deu o demo a elles para isso!... Angelica do Céu, criada de um mosteiro e remida com as santas aguas do baptismo, não nasceu para lavar pratos, nem amassar alguidares de pão em um *ser-ralho*.

—«Até ver não é tarde. Olhe não a castigue Deus!»

Este curioso dialogo tinha-se travado com boas esperanças de continuar entre duas figuras, que o malicioso entremez antigo de certo não engeitaria para uma scena bem salgada. Baixa, roliça, enviesada dos olhos, e com o beijo de cima mais assombrado de busso, do que o bigode nascente de um moço bem estreado de hoje, Angelica do Céu, criada de recados do mosteiro de Santa Clara, de religiosas seraphicas, correspondia tanto á graça e formosura do seu poetico nome, quanto Braz Topete corcovado, picado de bexigas, e quasi anão se assimilava a qualquer dos tres irmãos esbeltos, desempenados e bons officiaes mechanicos, com que a Providencia brindára a casa de seu pae.

O logar concordava com a physionomia caracteristica dos actores. Era a rua da Padaria, insigne pela numerosa assistencia, com que de tempos immemoriaes a honravam de filhos a netos os zelosos irmãos da confraria de S. Chripim. Escura mesmo ao meio dia, sempre alcatifada de lodo, aonde os pés se atolavam até ao artelho com os primeiros passos, e estreita, que dois visinhós, estendendo o braço, quasi podiam apertar a mão de um lado a outro, a famosa rua entre as do seu bairro em tudo semelhantes a ella, não devia seguramente excitar emulação, nem metter inveja a nenhuma.

O compadre Braz morava da parte direita, subindo da Misericordia para a Sé, duas portas abaixo das casas chamadas o

paço dos tabelliães, casarão sombrio, enfumado, de poucas janelas, e enrequecido por dentro com a mobilia classica das ponderosas mezas de pinho da terra, já sem côr possível, á força de nodoas, sobre as quaes desde as sete da manhã rangia incansavel a penna de pato dos notarios publicos e seus escreventes, cujas vozes roucas, ou esprimidas, asperas, ou aflautadas, formavam como um côro horripilante, lendo, declamando e dictando, em publico e raso, escripturas, procurações, contractos e arrendameutos.

Braz Topete, sapateiro do seu officio, assentára a tripeça, veneravel por quarenta annos de bons e effectivos serviços, em uma loja apertada, baixa e esguia, especie de nicho, ornado em roda, na altura da cabeça, de uma grinalda de chapins esbeçados, os quaes exhalavam as palmilhas pelôs pontos, e riam por todas as costuras e gretas do cabedal; de sapatos de todas as fórmãs e feitios, macrobios respeitaveis, que vinham terminar ali a gasta existencia *secundum artem*; e de botas de viagem e de campo, roçadas, puidas, e quasi transparentes com os trabalhos da velhice e os aleijões dos remontes. Um avental que fóra de lona branca no anno da aclamação de el-rei D. Pedro II, ligado aos hombros por suspensorios de couro, cobria-o por diante desde o pescoço até ao meio da perna como um bibe de creança. Calções côr de pulga, matisados de passagens, e um roupão de panno, coçado do uso, curto e justo ao corpo, completavam com um par de oculos de aselha e caixilhos de latão, o infallivel tirapé e a aguda sovella, o uniforme e accessorios do mestre, um dos mais curiosos, e malignos mexeriqueiros, que então povoavam a rua da Padaria.

Era á boca da noite. O dia estivera desabrido e chuvoso, não de grandes pancadas de agua, mas d'aquelles miudos, cerrados, e constantes aguaceiros, que ensopam em minutos, entram pelo fato até aos ossos, e gelam o sangue de frio, dentro das veias. Sobre a tarde tinham começado a crescer e a avultar da parte da barra pesadas nuvens, acastellando-se lentamente, e desdobrando sobre a cidade um toldo sombrio. O céu de cinzento principiára a fazer-se mais preto e carregado, do que baeta preta de caixão, phrase da senhora Angelica, e muito digna de suas devotas lucubrações. Tinham repicado as Ave-Marias os sinos da Magdalena; e por isso os dous compadres antes da ceia estavam amolando innocentemente a maledicencia, mordendo na honra e credito dos proximos, e redigindo em colaboração commum a gazeta de mentiras e aleives, que no seguinte dia a velha havia de publicar no seu convento, resmungando-a ao

ouvido da madre rodeira, e o corcunda se encarregaria com zelo igual de ir desçoazendo com os freguezes sem perder ponto nem fio, unindo a actividade da lingua á expedição do trabalho.

Corria o anno de 1727 e reinava em Portugal el-rei o senhor D. João v.

Apesar do fausto e opulencia, ostentados pelo Salomão portuguez em todos os actos da sua côrte, e a despeito da magnificencia de suas fundações religiosas, e das pompas quasi romanas da nova patriarchal, as ruas de Lisboa em se escondendo o sol não eram mais seguras, nem mais claras, do que os caminhos e asinhagas das aldeias dos arrabaldes. Sem policia nem illuminação, a ronda apenas as cruzava por alta noite, e a pacifica guarda urbana, mais interessada em se recolher com as costellas intactas, do que zelosa de velar pela segurança publica, atravessava os becos e viellas da cidade em passo funebre, com a lanterna de furta fogo na mão, e as chuças venerandas ao hombro, fazendo de proposito a vista grossa para não descobrir os embuçados cosidos com as esquinas e immoveis como estatuas.

De espaço em espaço devisava-se em algum cotovello, ou recanto deserto, o clarão mortiço da lampada accessa á custa das esmolas dos devotos, balouçada pelo vento na argola ferrugenta defronte do retabulo, ou da benta imagem embebida no muro, ou na parede. Salvas estas raras excepções espessas trevas envolviam toda a cidade. Um máo encontro, ou uma espera pareciam tão naturaes, que nenhum homem grave e temente a Deus se arriscava sem grande necessidade ao arrojio de uma visita longe de sua morada, que não caminhasse sempre com o nome de Jesus na bocca, e o punho nos copos da espada. A menor de todas as tropelias, a que se expunha, e que poucas vezes evitava, caia-lhe de repente de cima na fórma de banho de chuva. Uma escrava preta, depois de rosar em voz lugubre o aviso arrevesado do costume, para descargo de consciencia, entornava-lhe sobre a cabeça a immunda urna, e o pregão chegava quasi sempre aos ouvidos da victima apar da torrente despejada com arremeço.

Fronteiras á porta de mestre Braz olhavam para elle com o sorriso desbotado de suas cores perdidas as duas cortinas de baeta verde, e a bacia chata da loja de barbeiro do visinho Simão Bagaço, glorioso executor da arte de rapar barbas e epidermes, e a mais romba e assassina lanceta d'aquelle bairro.

Uma candeia de tres bicos, pendente de ensebado cordel, pro-

jectava escassa luz sobre o afumado antro, aonde funcionava sem descanso a navalha, ou a thesoura d'esta parca da cirurgia ministrante. Por cima da entrada uma taboa de tres palmos de comprido e um de alto, primor do pincel de algum aprendiz de pintor, offerecia á vista horrorisada um braço escorrendo sangue em borbotões pelos cinco golpes, de que o ornára a imaginação munificente de rival de Apelles. Apesar dos annos o vermelhão conservava ainda tão encarnada a tinta, que os olhos dos pacientes fugiam sobresaltados do cruento espectáculo d'aquella sangria homicida.

Braz Topete, e Simão Bagaço dedicavam um ao outro a amizade tradicional, que distingue desde a arca de Noé a raça filina da raça canina; com a differença, porém, de que o sapateiro, rachitico, manhoso, e falso era o gato, insinuando-se na ponta do pé, e roçando-se matreiro até virar a garra, e de que o barbeiro, espadaúdo, forte como Hercules, e pimpão de feiras e romarias, conhecendo que para estalar entre as duas mãos as tristes gibas do seu emulo não precisava, senão de o abraçar, ria-se do aborto, metia-lhe medo, e deixava-o assoprar de longe.

O papel de iris de paz entre as duas potencias inimigas pertencia á comadre Angelica do Céu, a qual desde a chorada morte da mulher de mestre Simão tinha a seu cargo arranjar-lhe a casa e guisar-lhe a frugal e parca refeição. A posição dos dois personagens, que descrevemos, merece tambem mencionada. A senhora Angelica estava de pé em cima de uma taboa encostada á soleira com a inclinação de uma prancha de falua. Por baixo da taboa suspensa como ponte corria sem parar com rapido murmurio um riacho engrossado pelas aguas, que vomitavam as biqueiras, e enchurravam os beccos e travessas. As meias portas da loja de sapateiro, fechadas, alcançavam pela cintura a servente de Santa Clara, e dariam pelo alto da testa ao seu interlucutor, se este, calcando vaidades, não reconhecesse a inferioridade da estatura, e não trepasse para a corrigir a um moxo baixo de quatro pés, seu poleiro usual, quando subia ao observatorio. A caixa de rapé de páo do ar, tosca e mal provida, abria-se a miudo entre os dois, e com as cortesias e ceremonias costumadas servia cada pitada de novo estimulo, infundindo maior calor á conversação interminavel.

Angelica e Braz tiritavam de frio, mas resistiam ás inclemencias da estação, como os sparciatas á dor physica. A beata mais enroupada, e com o manto lançado por cima da cabeça, abri-

gava-se dos pingos de agoa, grossos e gelados, que de instante para instante se desprendiam das beiras do telhado. O sapateiro menos acautelado, e com a cabeça descoberta, aquecia as mãos nos bolsos, e quasi que recolhia todo o corpo no ouco das duas corcundas, recuando e sacudindo a cara, quando tres, ou quatro pingos caindo-lhe a prumo sobre a nuca, ou deslizando-se-lhe pela canna do empinado nariz, o advertiam, de que cedêra com imprudencia ao enlevo das exhortações, ou dos mexericos da sua virtuosa confidente.

Mestre Braz acabava a ultima phrase, ou conceito moral, que repetimos com a escrupolosa fidelidade devida ao credito d'esta mui veridica historia, quando um rumor de passos que sentiu na rua, o obrigou a emudecer. Afiou o ouvido, e arremettendo impavido com a chuva, que principiava a picar mais rija, estendeu o pescoço e apurou a vista. A tia Angelica, não menos zelosa, imitou-lhe os gestos, e ambos assestaram com igual attenção a insaciavel curiosidade contra um vulto, que descia, e que depois de breve pausa, levantou a tranqueta das meias portas da loja do barbeiro, entrou com desembaraço, e desapareceu de todo. Apesar do escuro ser já grande o freguez de mestre Simão não escapou á vigilancia das duas sentinellas. A beata e o sapateiro, voltando-se de novo um para o outro, e disparando a um tempo a mesma risada fanhosa e abafada nos gorgomillos, exclamaram :

— «É elle ! Caspite ! Já tardava !» disse mestre Braz.

— «Anjo bento ! E fazerem alferes aquillo, que não tem aonde cair morto !» retorquiu a beata.

— «Se mestre Simão lhe levasse o nariz, ou uma orelha em um gilvaz da navalha era bem feito ! Mas essas boas obras não as fez elle senão aos pobres, coitados ! A este põe-lhe só a cara em sangue, e deixa-o ir !»

— «Não seja má lingua sr. Braz, Queira bem a quem não lhe quer mal. Mestre Simão não é o que parece...»

— «Bem sei ! acodiu o sapateiro, retorcendo a bocca em um sorriso avinagrado. Se houvesse justiça n'esta terra andava ha muito de barril e grilheta ao pé nas galés ; como não ha, e a sua navalha mais dia menos dia vira o fio nas goellas de algum miseravel, espero vel-o ainda feito homem de ferro na procissão do Corpo de Deus, ou carregando fardos ás costas na Alfandega. Forte alarve ! Dizem que em uma sangria se lhe esvaiu nas mãos o pobre velho, que morava ao Arco do Caranguejo. Cortou-o na *veia arteria*. E não se pendura em uma forca patife similhante !»

— «Deixe-se d'esses contos que são largos, atalhou a comadre pacificadora, e diga-me: soube mais alguma coisa?»

— «Ora? Tudo! Ella tem um irmão frade em S. Domingos; e é pobre como Job. Sustenta-se mais a avó lavrando rendas, e bordando punhos e tiras. Tem umas mãos de oiro.»

— «E quem a vir toda de focinho torcido abaixar a cabeça á gente, que parece que faz esmola, ha de dizer que sedas e damascos, diamantes e perolas são o recheio de suas arcas.»

— «Nem tanto, nem tanto comadre. É recolhida, seria, boa rapariga, e não dá que fallar...»

— «Porque as boas linguas são mais, do que as más n'esta sancta visinhança, anjo bento!» accudiu a velha, fazendo-se cõr de lacre e metendo de raiva um olho pelo outro.

— «Oh! exclamou Braz Topete espantado do atrevimento da asserção, e indignado de ver subir da Magdalena e entrar para a loja do barbeiro outro vulto.» Pelo que vejo, rosnou, é hoje dia grande em casa de mestre Simão. Esta noite vão mais dois ovos á frigideira, anh, tia Angelica?»

E depois de dois piparotes soffriveis, um de cada lado do nariz para o desobstruir, o sapateiro, carregando o indice na venta esquerda, sorvéo e fungou com as tres pausas do costume uma longa e farta pitada, que pareceo alivial-o um pouco dos negros fumos da inveja.

— «Olhe sr. Braz, proseguiu a servente, o que lhe digo só é isto. Nunca gostei de bonecas de Allemanha, nem de anjinhos de alcorce. A visinha Ritta, será uma joia, mas não me quadra com as minhas medidas. Se a visse aos domingos, toda apontada de saio e corpete de laços, mantéo fino, e sapatinho de seda ir á missa e voltar com a avó, que parece que não põe o pé no chão de mimosa, já o meu compadre não dizia isso. E de mais, quem se confessa como nós tres vezes por semana, quem jejua e reza todas as novenas e ladainhas, não póde gostar de uma delambida, que todas as noites, que Deus manda, apparece debruçada da janella em gargarejos e amoricos com aquelle alferes, que tem a lingua maior, do que a espada, e que de certo por bom a não atura... Vamos, visinho, a uma filha sua não lh'o consentia, que eu bem sei os pannos com que se limpa.»

— «Isso eram outras contas! replicou o anão. Mas para todo o genero de peccado deixou Deus remedio na sua igreja, segundo prega o padre Fr. Caetano. O melro se ateimar deixa por aqui as pennas e talvez as azas!»

— «Ah! Ainda bem. Conte-me isso!.... Diga!....»

— «É segredo ! E segredo em bocca de mulher derrete-se que nem manteiga em nariz de cão... Sabe o dictado, tia Angelica?...»

— «Não se faça confiado, compadre!... Não são coisas que se digam a uma pessoa do meu porte e discrição. Já dei com a lingua nos dentes alguma vez em recado seu, ou já tirou de mim particulares, que eu devesse calar?...»

Mestre Braz respondeu á temeraria pergunta engasgando-se em uma quinta de tosse, que lhe tomou a voz. A consciencia da beata aconselhou-a a não insistir depois de tão expressiva demonstração.

— «Muito me diz ! tornou ella disfarçando. Com que então andam caçadores aos merlos?... Ora pois ! vão-se os aneis e fiquem os dedos. E está para cedo ? Veremos depennar o melro ?...»

— «Não sei. O irmão foi avisado e traz o olho em cima da casa. Mas temos grandes novidades por cá. Haverá cinco para seis noites, que outro da mesma laia de alferes, quer chovam raios e coriscos, quer vente, que vão pelos ares as telhas, embuçado na capa ás canhas, e com o chapéo cravado até á testa, não faz senão rondar a porta de cima para baixo, fazendo signaes, e tregeitos ; mas por ora, graças a Deus, ainda não limpou a mão á porta. De cima nem bus, nem truz ! É como se orneasse um jumento, com licença da tia Angelica. Muito hei de rir eu se os dois tafues topam ahi um com o outro á esquina e acabam o jogo ás estocadas....»

— «Era freguezia que vinha do céo a mestre Simão, e elle que tanto a precisa, coitado !»

— «Hum ! resmungou o anão com um encrespamento sublime, que lhe ouriçou a corcova das costas e sumiu a do peito.

— «Então o irmão, o frade já sabe ? Repetiu a servente. Quem o avisaria ? Foi uma caridade para a rapariga. Por essas e outras se perdem tantas, que seus pais ensinaram, e tiveram sempre em recato e honestidade ! Ai meu Jesus da minha alma ! O que vai por este mundo ! E para isto estão as mães creando suas filhas ! Ah, homens, homens ! Por isso em minha casa, que a mim me lembre, nunca entrou nem sombra de calção !»

O anão riu-se descaradamente da hypocrisia da comadre ; e esta para corrigir o defeito da ultima exclamação um pouco atrevida para quem lhe conhecia as prendas, apontou com o dedo para a loja defronte. Um dos freguezes enchugando no lenço o sangue dos lenhos abertos nos queixos pela navalha bocal de mestre Simão, despedia-se d'elle e da sua pericia com poucas saudades. Derrubando depois a aba do chapéo sobre a frente, e enrolando-se na capa, desceu a rua, virou a esquina,

e sumiu-se, não sem lançar os olhos de revez para as duas figuras de presepe, que espetavam n'elle a vista silenciosa. Naturalmente tinham suas razões para não deslisarem da mais severa circumspecção.

Porque motivo detestava mestre Braz tão cordealmente o official, que apenas conhecia de nome; e porque mordida com tanta furia a devota Angelica na reputação da vizinha moça do primeiro andar?

Em duas palavras se explicam os odios d'este precioso par.

O sapateiro, como o furão, devorado do ardente desejo de escutar o dialogo dos amantes, encovou-se uma noite no beco para onde deitava a janellinha da vizinha Ritta, e d'alli espreitou e vigiou até que um espirro impertinente, denunciando a sua presença, o expoz ao merecido castigo.

O alferes em dois pulos estava sobre elle, e fazendo-lhe argolas das orelhas sacudi-o por ellas tres, ou quatro vezes, rematando por um alentado pontapé e uma vigorosa punhada no rosto a correccção administrada com vigor e rapidez. Se alcança qualquer das corcovas tinha-lh'a achatado. A felicidade do anão consistiu em o pé do official acertar em certas fórmulas roliças e parar n'ellas. Assim mesmo rebolou, como um barril por cima da lama, e todo contuso e enfrascado, refugiou-se dentro de casa, protestando nunca mais tornar a metter a foice em ceara alheia. Toda a noite sonhou, que voava nas azas d'um pau, ou que girava na ponta de um sapato, e ao accordar, quando se contemplou com tristeza a um pedaço de espelho quebrado as nodoas dos nós dos dedos do aggressor assignalados na cara de fuinha jurou vingar-se.

A tia Angelica, alma gemea do corcovado, detestava a innocente Ritta, porque, uma vez ao sair da missa das almas, indo a esconder-lhe na mão uma cartinha dobrada em fórma de laço, e tão perfumada que a uma legoa cheirava a amores, a donzella, escarlata de pejo como a rosa, deixou-lh'a cahir com desprezo pondo os olhos na beata com tal severidade, que ella enfiou e mettu-se no meio do povo, não se atrevendo nunca mais a encarregar-se de embaixadas semelhantes por maior que fosse o preço, que lhe offerecessem pelo recado.

Mas a espinha venenosa cravou-se-lhe no coração; e a má lingua cortava como thesoura afiada contra a menina dos olhos pretos, nome que a vizinhança pozera a Ritta pela formosura dos dois esplendidos e serenos astros, que realçavam a belleza de um rosto suave e engraçado. Perdoe-se-nos o arrojo da hyperbole, que não nos pertence, mas a certo poeta da rua das

Arcas, que entre suspiros e glosas distrahia a paixão mais ardente e solapada, que podiam entalhar n'aquelle peito votado á musa dos oiteiros e abbadeçados os dois frecheiros assassinos, aonde, dizia elle, Cupido emboscára todas as traições e crueldades do amor.

— «Adeus visinho Braz,» disse a servente, conchegando o manteo, e affagando com a mão os enormes bugalhos das camandulas, para figurar uma retirada falsa, «O que fôr soará. Se essa espivitada, que lhe deu no gotto, boa cama fizer n'ella se deitará... senão!... de si se queixe, que outras de melhores toalhas vi eu perdidas. Em fim, como o irmão sabe tudo, e o meu compadre anda com o olho em cima da festa... mais descansada vou! São horas de ceia; e amanhã tenho de estar com o dia na portaria de Santa Clara. Aquellas senhoras, coitadinhas, teem sempre tantos recadinhos e impertinencias, que é um louvar a Deus.»

Tinha escurecido muito, entretanto; e o segundo freguez de mestre Simão descia então os tres degraus, que á maneira de throno de S. Antonio, davam sahida da loja para a rua. O barbeiro, ainda com o pente nos dedos e a toalha a tiracollo, chegou atraz d'elle ás meias portas, apontou a vista para defronte, e deteve-se um instante a admirar os requebros malidicentes da beata e do seu parceiro, os quaes parecia que não podiam arrancar-se ao grato officio de esfollar a pelle de amigos, e inimigos atropellando perguntas, e mastigando calumnias.

Depois de encolher os hombros enfadado, e de rosar por entre dentes. — «O que terão desenrolado ali aquellas lesmas!» Mestre Simão insinuando o dedo indice e o dedo medio na bocca, assoprou por entre elles dois assobios rijos e vibrantes, que em uma praça de toiros lhe grangeariam de certo as honras do *bis*. Era o signal perceptivo do toque de recolher. A beata, ouvindo-o, fez o signal da cruz, e foi arrastandq os pés pela taboa, que servia de prancha aos freguezes para embarcar por cima das agoas, e entrarem na caverna de Braz Topete. O corcunda assustado com a impaciencia, que denotavam aquelles apitos quasi ferozes, saltou do mocho ao chão, e entoando em voz de tiple a cantillena da ladainha, tirou de uma prateleira de pinho a caixa da isca e o fuzil, petiscou lume, e accendeu a mecha, não sem um accesso de tosse que lhe sacudiu as duas gibas. Momentos depois uma candeia de lata, rival da do barbeiro, e tambem suspensa do tecto por um barbante, alumia-va a casa do sapateiro.

Mestre Braz se podesse ver o que fa na cosinha do visinho

estalava de inveja. Não eram só dois, eram quatro ovos os que chamavam na frigideira da tia Angelica, com um caneco de vinho tinto e encorpado, que podia cortar-se com a faca, e um pão tão alvo, que até a um defuncto abriria o apetite. Se todos os dias fossem como este Simão Bagaço mudava-se para a rua nova, e menos queixoso da fortuna talvez se mostrasse mais clemente com as victimas, ás quaes, em premio da abundancia, a sua navalha sem piedade tirava o sangue.

(Continúa)

L. A. REBELLO DA SILVA.

O CONDE UGOLINO

(GRAVURA DE D. A. DE SEQUEIRA)



gravura que a Revista oferece hoje aos seus assignantes é uma das poucas¹ producções do buril do illustre Domingos Antonio de Sequeira. Foi executada em Roma, depois de 1830, nos ultimos annos da sua vida.

Tendo o auctor do presente artigo encontrado em Roma, em 1859, a chapa d'esta gravura e juntamente grande numero de desenhos e esboços de Sequeira, que jaziam esquecidos nos armarios do Monte de Piedade, deu-se pressa em assegurar a Portugal a posse d'aquelles magnificos trabalhos, entre os quaes estavam os cartões dos quatro quadros que existem na galeria do duque de Palmella. Não é aqui o lugar de apreciar estas obras, e a influencia que ainda podem vir a ter sobre a restauração dos estudos das

¹ Conheço outra gravura assignada: «D. A. de Siqueira (sic) A. R. e 1.º Pintor da Camara e Corte de S. A. R. o Principe Regente, inv. e sculp.» É uma Virgem com o Menino em um medalhão oval. A chapa tem 0,14 de altura por 0,10 de largura. A expressão da Senhora é suave, o desenho correcto.

Bellas Artes em Portugal. Se os desenhos de Sequeira houvessem estado em Lisboa, não teria o conde Racksynski escripto que não podia ser d'aquelle artista a magnifica *Deposição da Cruz* que existe no gabinete de el-rei o senhor D. Fernando.

Os quadros de Sequeira, que a Academia de Bellas Artes, possui, aquelle que pertence ao sr. Diogo de Pina Manique e alguns outros tão conhecidos como estes, não dão idéa verdadeira do que era o talento de Sequeira.

Sequeira havia sido toda a sua vida um grande artista, porém na velhice foi um artista sublime. Ticiano conservou-se distinctissimo pintor até aos 90 annos; Sequeira foi mais longe, reformou estylo, colorido e desenho depois dos 60.

Os quatro quadros que existem na galeria do duque de Palmella, foram pintados n'esta época da sua vida. N'elles é pasmosa a sublimidade de concepção, admiravel o claro-escuro e o desenho, extraordinario o vigor com que são executados. Estes trabalhos fizeram época em Roma. Sei-o por pessoas que ainda se lembram do enthusiasmo que entre os amadores e os artistas despertou o esforço do nosso grande pintor.

Os desenhos a que me refiro mais acima pertencem a esta quadra da vida de Sequeira, e a ella pertence tambem a gravura que vae junta a este numero da Revista.

Pareceu que vulgarisar tão excellente producção era prestar culto á memoria de um dos maiores artistas do seculo XIX, cujas obras mais notaveis são infelizmente pouco conhecidas em Portugal, onde póde afoutamente dizer-se, que Sequeira não gosa d'aquella reputação que alcançou em França, na Russia e na Italia.

Popularisar o nome de Sequeira, tornar accessivel a todos, pelo auxilio da gravura, o conhecimento das suas obras seria um verdadeiro serviço prestado ás Bellas Artes. Ha alli muito que aprender. Á realisação d'este pensamento oppoem-se, por agora, difficuldades insuperaveis, esperamos porém que chegará uma época em que a bella collecção começada pelo conde Biordi com a sua gravura da *Deposição da Cruz*, possa ser completada.

O desenho para a gravura do conde Ugolino foi executado para enriquecer uma historia da Toscana, que estava escrevendo o principe Napoleão Luiz Bonaparte, irmão do actual imperador dos francezes.

Sequeira instado pelo principe fez o desenho e mandou-o gravar pelo seu discipulo predilecto o conde Biordi.

A chapa foi gravada pelo conde, mas não chegou a ser pu-

blicada, porque motivos supervenientes obstaram á realisação da intenção do príncipe, e existe em Florença no estudo de seu auctor.¹

Não foi possível averiguar os motivos que levaram Sequeira a gravar elle mesmo a sua composição, depois da optima gravura do conde Biordi. Talvez um capricho de artista querendo mostrar que lhe era igualmente facil manejar o lapis e o buril. Em nenhuma das biographias de Sequeira consultadas pelo auctor d'este artigo pôde elle achar esclarecida esta duvida. Verdade é que o nosso grande artista carece ainda de uma biographia circunstanciada e exacta, contendo a relação dos seus principaes quadros e observações sobre o seu estylo, a influencia que teve sobre os seus contemporaneos, etc.

O auctor d'este artigo tem o maior desejo de coordenar alguns apontamentos que sirvam como de materiaes para aquella obra, porém não só a insufficiencia dos seus recursos, senão tambem a difficuldade de obter noticias exactas ácerca da vida do nosso grande artista, principalmente durante o tempo que passou fóra de Portugal, o tem impedido de realisar o seu intento. Muito agradecido ficará a todos aquelles que lhe quizerem ministrar alguns esclarecimentos.² Se as suas forças e o tempo lh'o permittirem, espera levar a cabo este trabalho, que tão util se lhe affigura.

Agora duas palavras sobre o assumpto da gravura.

As pessoas que não conhecerem o poema de Dante, (bem poucas serão por certo) acharão na excellente traducção do sr. Viale, quanto baste para comprehenderem o episodio que Sequeira representou, e que é sem duvida um dos mais interessantes da historia da republica de Pisa. Os commentadores pouco accrescentam á animada e brilhante poesia do Dante. Dizem apenas que o conde Ugolino della Gherardesca era um fidalgo pisano da facção dos guelphos, que ligado com o arcebispo de Pisa, Ruggieri degl'Ubaldini, expulsou d'aquella cidade a Nino de Gallura, que d'ella se tinha assenhoreado, aproveitando-se da desordem d'aquellas épocas tumultuosas. Pouco tempo depois o mesmo arcebispo tendo passado para o campo opposto, conseguiu prender o conde, o qual, segundo parece, aspirava ao governo supremo da republica, e encerral-o

¹ Não vi a gravura do sr. Biordi. A este artista ouvi o que deixo referido ácerca d'aquelle trabalho. Devo accrescentar que Biordi não tinha conhecimento da existencia da gravura de Sequeira.

² As pessoas que se dignarem responder a este convite poderão mandar os seus esclarecimentos a S. H. escriptorio da Revista Contemporanea.

com seus filhos e netos na torre dei Gualandi, onde os deixou morrer á fome em 1288, segundo Villani.

Dante na sua mysteriosa viagem ao inferno finge encontrar-se com o conde Ugolino, que mergulhado no abysmo reservado aos traidores da patria, roia perpetuamente os miollos do arcebispo. O conde interrogado por Dante interrompe o supplicio do seu inimigo e conta ao poeta a sua lamentavel historia.

Sequeira escolheu a situação mais dramatica d'este episodio — os ultimos momentos do conde. A meu ver desempenhou magistralmente esta tarefa. A sua composição é superior a todas quantas sobre este assumpto tenho visto. Comparem-a com as de Sabbatelli e G. Doré, e digam se o artista portuguez não comprehendeu melhor do que estes o pavor d'aquelle carcere, allumiado por *un poco di raggio* que n'elle entrava por uma estreita fresta — *breve pertugio*; as angustias d'aquella horrivel agonia, durante a qual o misero pae nem chorar ousava — *io non piangeva; si dentro impietrai*; as convulsões da fome, a dôr ingente, incommensuravel do infeliz, que via morrer *a um e um* seus innocentes filhos?

Sequeira foi digno interprete do Dante. A sua imaginação era bastante poderosa para traduzir com o lapis os cantos do gigante florentino. O sublime poemã *al quale ha posto mano e cielo e terra*, não podia achar quem melhor soubesse exprimir os sentimentos que desperta a leitura d'aquelle *monumento*.¹

S. H.

¹ Esta gravura nunca esteve no commercio. Não consta que Sequeira a mandasse estampar. Alem dos exemplares que se estamparam agora para a Revista tiraram-se cem antes da letra, seis dos quaes são em papel da China, e um em papel de cor. Ha mais seis tirados antes da firma que se mandou abrir no canto superior esquerdo.

DANTE INFERNO

EXCERPTO DO CANTO XXXIII

O peccador cessou do féro pasto,
Os beiços aos cabellos alimpando
Da cabeça roida em tal repasto.

Queres, disse depois, que renovando
Dôr eu vá per si mesma tão pungente,
Contando o caso atroce e miserando?

Se o referil-o tem de ser semente
Que brote infamia ao trédo scelerado,
Escuta: eis narro e choro juntamente.

Não sei quem és, nem como aqui chegado
Tenhas; porém parecez Florentino
No modo de fallar, como hei notado.

O conde eu sou, miserrimo, Ugolino,
Este o arcebispo, perfido, Rogeiro,
Ouve a causa de tracto tão ferino.*

Não hei mister contar o traiçoeiro
Seu hostile proceder, com que illudido
Eu preso e morto fui por derradeiro.

Porém (isto não podes ter ouvido)
Direi quanto foi crua a minha morte,
Verás se fui, ou não, d'elle offendido.

Um rombo na prisão, escura e forte,
Da fome, após meu fim, intitulada,
 Em que outros jazerão da mesma sorte,
 Ver me deixára a lua apressurada,
 Em mais de um curso, quando tive um sonho,
 Nuncio da minha sina malfadada.

Qual amo e qual senhor vê *este* eu sonho,¹
 Que um lobo e seus cachorros acoçava
 Para o São Julião, com ar medonho.²

Cadellas magras, finas, açulava,
 E os Gualandis, Sismondis e Lanfrancos,
 Diante poz de si, que assim caçava.

Em breve, filhos, pae, lassos e mancos
 Se me affigram, miseros: eu via
 Canina sanha lacerar seus flancos.

Acordo antemanhã, e logo ouvia
 Os filhos meus: em sonhos, a taes horas,
 Pão cada qual, chorando, me pedia.

Tens coração hem crú, se não deploras,
 Já pelo infausto annuncio, a magoa minha:
 E de que soes chorar se aqui não choras?

Despertos são: a hora se avisinha
 De a parca refeição nos ser trazida:
 Em susto um triste sonho a todos tinha.

Eis que a porta da lobrega guarida
 Por baixo ouço cravar: sem dizer nada,
 Volvo a meus filhos vista espavorida.

Não chorei: fiquei pedra, a dôr calada:
 Elles choravam todos: Anselminho,
 «Assim nos olhas, pae! que tens?» me brada.

Não choro, não respondo — ais e carinho
 Eu, dia e noite, concentrei no peito:
 Repete o sol seu solito caminho:

¹ No aperto em que me vi, não tive duvida em rimar n'este terceto *sonho* verbo com *sonho* substantivo do terceto antecedente. Entre os italianos taes rimas são admittidas sem controversia nem opposição. Tambem nos nossos poetas classicos sobram exemplos d'este que se julga desprimor na hodierna metrificacão.

² O texto vertido litteralmente diz: «O monte que impede que os pisanos vejam Luca. isto é: o monte que separa o territorio de Pisa do territorio de Lucca. Ora aquelle monte chama-se o S. Julião como explicam os commentadores. Fica portanto substituido na traducção poetica o circumloquio pelo nome proprio. Para esta liberdade, e para toda a versão do sublime episodio, sollicito a indulgencia dos leitores, que tem voto sobre estes pontos de amena litteratura. *Veniam pro laude peto.*»

Quando luzio, com brilho inda imperfecto,
Do carcere no horror, vejo exprimido
Em quatro aspeitos o meu proprio aspeito.

Mordi ambas as mãos, de horror tranzido:
Elles, julgando ver de fome antojo,
Erguem-se, e soltam brado dolorido:

«Ah! não prosigas n'esse infando arrojio,
De nós te nutre, ó pae: tu nos vestiste
D'esta carne; teu seja este despojo.»

Reprimi-me, evitei lance mais triste:
Por dias dois nós mudos estivemos.
Ah! dura terra, porque não te abriste?

O quarto dia emfim chegado vemos:
Gaddo cahe a meus pés... diz, expirando:
«Não me acodes, ó pae, nestes extremos?»

Morreu: como és presente, ao termo infando.
Dos tres, um após outro, eu fui presente,
Do quarto ao quinto dia: então, buscando

De rojo os fui, já cégo, e em som plangente
Por elles, mortos já, chamei dois dias:
Depois, mais do que dôr tão vehemente,
Força houveram da fome as agonias.

A. J. VIALE.

POETAS E PROSADORES

(CARTAS A ERNESTO BIESTER)

III



Julio Cesar desempenhou-se engenhosamente da sua promessa de um livro de viagem a Pariz e a Londres. Engenhosamente digo, porque é muitissima habilidade compor um volume curioso e recreativo com a noticia das impressões individuaes de quem o escreve, impressões todas recebidas do que primeiro se vê. Se o auctor fosse menos copioso e numeroso, menos engraçado no seu modo de con-

tar e na galanteria com que observa os homens, as mulheres, e as coisas, em minha boa verdade te digo que o infortunio entrára com elle no *Ville de Brest*, embarcou de novo com elle no vapor das *Messageries Impériales* em Bordeus, e perseguiu-o ainda desde o cães das *Columnas* até á esquina em que Julio Cesar viu affixada a noticia dos espectaculos do *Tigre*

marinho no Calhariz.

O desditoso embarca ali no Téjo, e despreza a occasião de dis-correr ao longo de dezaseis paginas ácerca do Téjo, onde veiu Ulysses fundar Lisboa, por ter gostado muito dos ares de Chelas, onde Achylles se escondeu entre as vestaes para não ir á guerra de Troia, o covarde maricas ! Julio Cesar com uns retalhos de Plinio, o moço, de Ravisius Textor, de Dionisio de Halicarnasso e de Strabão podia ter alinhavado uma entrada no livro á saida da patria, coisa lardeada de succados condimentos, com os quaes a gente ficasse a impar de sapiencia !

Sae Julio Cesar por essa barra fóra, e a monção é desgraçadamente de servir. O céo está sereno, o mar manso, os odres de Éolo estão tapados. O navegante chega a Saint-Nazaire sem naufragar, sem uma abordagem de piratas, sem um incendio a bordo ! Não vê mesmo uma tromba marinha, nem sequer uma baleia ! A essa assim estúpida navegação accrescenta o enjôo, e ahi tens a suprema injuria que póde fazer a natureza a um sujeito, que sae da sua terra para contar successos de estranhos climas. De mais d'isso, este Julio, telmoso descultivador das musas, faz mal em as não acariciar de vez em quando. Haviam de valer-lhe muito nas aborridas horas que passou no mar, se é que o nosso amigo, para a cume da desgraça, nem sequer viu um bando de gaivotas. A vel-as, acudir-lhes-iam logo á memoria os versos de Almeida Garrett :

*Longe, por esse azul dos vastos mares,
Na soidão melancholica das aguas,
Ovi gemer a lamentosa Alcyone,
E com ella gemeu minha saudade.
Etc.*

E depois, se o Julio fosse um poeta local e occasional, mal de nós e d'elle, se o seu livro não vinha com uma ode, ao menos, uma ode datada no mar alto, e escripta alli na calçada do Salitre, com o transparente bem corrido, e os pés agasalhados no ceirão, e uma athmosphera bem tepida e perfumada, tudo isto para melhor interpretar o lamentoso gemer das gaivotas.

Desembarca Julio Cesar em Sait-Nazaire, vae a Nantes, e observa a physiologia do cabelleireiro. O seu infortunio deixa-o passar trinta horas sem uma aventura. Não ha uma costureira, ou marquezia que o veja, que o ame, que se mate ; não se suicida ninguem no hotel onde elle janta. As pessoas, que vê no hotel, são tudo pessoas que comem á mesa redonda, e nenhuma sequer estoira de indigestão ! Chama-se isto o ideal da infelicidade !

Chega o auctor de madrugada a Pariz. A fatalidade sempre com elle !

Os acontecimentos horriveis tinham sido açabarcados todos pelos romancistas do anno anterior. Julio passou a barreira de Lutecia sem ter visto cinco duelos ! Os maridos ciosos estavam a dormir com as suas Lucrecias. Os Tarquínios estavam-se a deitar, ageitando ás orelhas o barrete de dormir para reatarem o primeiro somno, interrompido pelo alarido matinal das carretas dos vendilhões. O pasmado viajante devia olhar para os quintos andares a ver se alguma menina se precipitava, de modo que elle ainda podesse ser o ultimo confidente das suas palavras. Nem isso, n'uma terra onde cada dia se matam dez pessoas pelo menos ! A statistica dos suicídios em Pariz fez uma estranha paragem, em quanto Julio lá esteve. Esta, aliás estimavel irregularidade, deve-se á estrella funesta do nosso amigo. Não póde ser outra coisa !

Se tivesse mais vinte annos, o nosso presado escriptor, chegando a Pariz, em sasão tão pecca de successos dignos do prelo, voltava-se para as artes, visitando os museus ; iria aos velhos templos medir a circumferencia dos pedestaes ; iria ás bibliothecas compulsar as edições de Schoiffer. O seu livro assim escripto, considerado purgatorio da paciencia, seria um encaminhador na estrada da bem-aventurança.

Julio, porém, é um rapaz fervente de actualidade, se isto exprime claramente o que eu quero dizer. Melhor o diz elle :

...«Não está no meu genio nem na minha pachorra ir dando tempo a coisas ou pessoas seccantes de tornarem a sua feição agradável ; va-se direito a Inglaterra quem gostar da opulencia que esmaga ; eu prefiro a graça que encanta e seduz. Eu sou dos que hão de morrer moços, e não posso gastar a vida a habituar-me ao que virei a estimar.»

Como moço, muito no verdor dos annos, em que não é mister pedir desculpa á sociedade de não ser velho, o jovial escriptor, quasi por intuição, abarca de um relance todas as futilidades parisienses, e faz d'ellas um livro como quem as está contando a amigos de seu genio, posto que nem todas se prestem a ser contadas a damas de certa seriedade, seriedade á portugueza, quero dizer. Que fariam nossas tias, senhoras graves que associam o prazer da pitada ao da narrativa, se ouvissem dizer ao Julio o que vem contado, e assim tão floridamente contado : «Requestem muito embora as matronas vestidas de velludo com um rio de diamantes no pescoço : a mim, basta-me a galanteria da elegante que usa um vestido de caça bemfeitinho ; e em quanto aos diamantes, ainda gosto mais de beijar o sitio que elles poderiam cobrir, que cegarme no seu brilho.» As nossas tias faziam o signal da cruz ; e, se alguma vez elle se faz com razões, é n'estes casos, em que Lucifer

tenta com o estylo, a mais damninha serpente de quantas se geraram na peçonha do peccado.

Não cuidem, porém, que o moço se affasta acintemente dos raros adornos serios da garrida Athenas. La vai, pouco se detem a contemplal-os; mas proveitosos instantes são esses que protestam contra a profissão que elle faz de ser frivolo. São bellas e affectuosas estas phrases que a igreja de Nossa Senhora de Pariz lhe suggeriu: «Eu comprehendo que aquella igreja em que o primeiro poeta do nosso seculo passou tantos dias de estudo e trabalho, seja o melhor asylo de meditação para certas situações e certas horas da existencia. Quem é que nunca experimentou, quando a imaginação, e as faculdades exaustas por trabalhos de espirito, ou por alguma ferida moral incuravel, serecusam a obedecer-nos n'umas certas occasiões de desalento, em que nos passa pela idéa um diabolico desejo de refrescar a cabeça com uma bala de pistola, por que a nossa alma duvida de si mesma, e blasphemaria Deus se podesse n'essa hora acreditar n'elle — quem é que nunca experimentou por essas crises entrar n'uma igreja, velha, escura, silenciosa, e inclinar a fronte diante do altar? É um alivio esse. Parece que depõe uma pessoa o fardo da sua vida, e fica tão leve como o apostolo que caminhava sobre as agoas.» E prossegue, pedindo que as igrejas em Portugal estejam francas de noite aos que precisam orar.

Mas elle ahí vai a fugir das igrejas para os theatros. Aqui é mais caudal a veia das boas expressões, esta-lhe mais senhora sua a borbolota do espirito, que se fez para aquellas varzeas floridas, n'ellas se creou, e fora d'aquelles, emquanto a mim, homicidas aromas, não vive a vida inteira. D'essas facecias agudas, e como que de sainete francez, não transcrevo nenhuma, meu caro Biester, por que as avalio em menos do que verdadeiramente vallem. Não estão no meu genio. Esta minha soledade, este permanente carcere do meu espirito entre os ferros glaciaes do tedio de tudo, este fugir das alegrias que são os quatro pontos cardeaes da vida do nosso Julio, fazem de mim um injusto juiz das graças que melhor enfeite são do seu livro.

Sem embargo, ha muitas, n'estas duzentas e trinta e seis paginas, em que o mais avesso leitor de coisas volantes se póde deter, já gostando a verdade da substancia, já a belleza da fórma. O que li a proposito de Versailles é bem pensado, e dignamente escripto; e não menos sobresahe no livro a rapida descripção do cemyterio de *Pere-Lachaise*, e as graves considerações que aformoseam o esboço.

No tocante a Londres, Julio Cesar, por força da sua indole, ha-

via de ser conciso até ao peccado. «Não se encontram ali cafés esplendidos, nem *restaurants* allumiados brilhantemente como em Paris» diz o nosso Julio. Este primeiro repellão á sua curiosidade devia pôl-o em desconfiança logo. Seguem-se graciosas observações sobre o espirito, se é espirito o que os inglezes tem no corpo, espirito activo com faculdades imponderaveis. Eu creio que ali tudo pesa como a fibra do boi, que é a molecula integrante e constituinte d'aquelle povo: boi, sómente boi, acidulado por cerveja ou vinho. Da Exposição diz o que basta para nos recordar que estamos ha uns poucos de annos esmagados sob a pressão de relatorios, livros, livrinhos, libretos, artigos, folhetins, in folios, tudo ácerca das Exposições. Fez bem. Tudo que se ha escripto, e dito, e feito, por parte de portuguezes, em materia de exposições, quando não é um desaire para Portugal, é um lavor inutil que melhor fôra ter-se conservado em discreta ociosidade. O Julio viu que lá se admiravam os nossos trigos. São os mesmos trigos do tempo de El-Rei D. Diniz. Que provam os nossos trigos aos apreciadores dos cereaes expostos? Que temos bom torrão para dar trigo. Presumo que a Europa não suppõe que nós, á falta de pintores, esculptores, e gravadores, temos a summa habilidade de fazer cereaes.

Este livro de Julio Machado, assim como é espirituoso, se fosse por igual louvavel pela puresa da linguagem, seria um milagre. Um livro de Paris necessariamente havia de vir perfumado d'aquella athmosfera, onde eu creio que o proprio Antonio Rodrigues Sampaio, com toda a sua vernaculidade, alguma hora se sentiu gafado de gallicismos quando por lá andou; e onde o sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, com quanto amigo fiel da simplicidade portugueza, alguma vez veiu apregoando que as locuções novas eram necessarias, quer as dêsse o Lacio quer a França. Não me parece estarmos em apertos de ir pedil-as aos velhos nem aos novos: podemos ser prodigos, e ficar ainda ricos.

Julio Cezar Machado, com aquella sua opulenta fantasia, se um dia se levantar com o proposito de conhecer os auctores de cunho portuguez, e de se enfiar dez vezes antes de saboreal-os; se elle conseguir iriar as azas da fantasia com os matizes da brilhante, fluentissima, e doce locução dos mestres dos optimos stylistas contemporaneos, então os livros do escriptor, já querido de muitos, serão queridos de todos. Estou que elle me aborrece já por este incessante matinar em classicos. Não importa. Escrevo, a espaços, o que lhe digo todos os dias.

Outro livro. Acabei de ler o de Manoel Roussado: «Roberto, ou a dominação dos agiotas» O supremo elogio d'este genero é rir-se

a gente. O poema heroi-comico de Manoel Roussado tem sal bastante, e algumas vezes sobeja pimenta. Muitos paladares haverá que se queimem; e mais engenhoso seria condimentar o acepipe ao sabor de todas as boccas. Mas quem pede contas assim austeras á satyra? Sou eu, meu amigo, que tão parco fui de ceremonias com as victimas, quando cuidava que cada escrevinhador tinha do alto uma missão reformadora, e, como sacerdote da civilisação, se obrigava a immolar ao progresso em cada folhetim um bode estropeado de velhice ou uma ovelha tinhosa. O mundo e a boa rasão estão vingados de mim. Começo a achar nedeas as ovelhas, e cordeirinhos saltitantes os bodes. Estou com elles e com ellas no mesmo curral, á espera que Manoel Roussado e os da sua geração nos immolem.

Os mais sabidos relanços da epopêa de Thomaz Ribeiro estão chistosamente e com muita felicidade parodiados. As *flores de algibeira* tem infinita graça, no canto intitulado: *incendios do coração*. Este é um dos quadros mais a primor d'esta galeria de caricaturas. Em todos os outros ha muita e portugueza graça.

A esta hora o poema é já muito lido em Portugal: não espanta que se hajam vendido tantos exemplares; mas é raro egual exito em livro de auctor, que publica o primeiro.

Manoel Roussado deu boa conta da sua vocação n'uma *Revista de anno*, que corre impressa, e foi muito applaudida no Gymnasio. Tem apenas vinte e nove annos aquelle rapaz que ali vês com um aspecto grave e umas barbas que parodiam o antigo capitão-mór! Quem o vê, e o não o conhece, atarefado em discortinar mysterios politicos, presume que está ali um homem capaz de resolver a questão sanitaria dos arrozaes! O auctor do *Roberto*, como tu sabes, é um alegre observador, que só pôde estar serio, quando se disfarça para surprehender algum *ridiculo* em flagrante.

Tenho-lhe conhecido admiravel engenho para inventar namoros e casamentos nas locaes dos jornaes. O mercieiro é o heroe das suas historietas, sempre um mercieiro que tem uma filha, e esta filha é quasi sempre empolgada pomba de algum milhafre, amanuense de secretaria.

Manoel Roussado está n'um paiz novo que lhe dá muito ar por onde braceje, na certeza de que a cada pescaria de *ridiculos* que tentar colhe abundante redada. Precisa-se d'este ramo da sciencia. A parodia é uma sciencia, em quanto a mim, porque ensina os tolos a fugirem de serem postos em irrisão. No *Roberto* figuram tolos incorrigiveis; mas a culpa não é da sciencia.

Teu

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

JOSÉ ESTEVÃO

Calou-se a grande voz ! chora a tribuna
Seu facundo orador, o seu luzeiro
A liberdade, a patria um nobre filho.
Hontem cheio de vida, hoje cadaver !
Hontem por entre nós passando ainda
Festejado de todos — para todos
Sorrindo franco e alegre, como esp'rança
De seus irmãos, do povo — hoje passando
Tambem por entre nós, porém caminho
Do sepulchro, mas frio, inanimado !
Sem nos sorrir, sem nos ouvir ! perdido !

É possível ? — perdido, e para sempre !
A tanta eloquencia, a eloquencia
Do nada succedeu ! em vez de applausos,
De entusiasmo, de gritos alegria,
A multidão que sempre o acompanhava
Ora o segue á morada derradeira,
A soluçar, em suffocado pranto.

Foi-se aquella palavra calorosa
Que levava apoz si, como torrente,

Todos os corações ; aquelle brado
 Contra a força e injustiça ; aquelle appello
 A tudo que era puro e generoso.
 Nunca mais o ouviremos trovejando
 Ferver indignação, qual n'esse dia
 Em que desaggravou da patria a affronta,
 Quando, vergonha da nação franceza,
 A aguia, emblema do que é livre e augusto,
 Veio, abutre, ultrajar um povo inerme,
 Forte sómente em sua justa causa,
 Que era a da humanidade, e á ferrea pena
 Das nossas leis roubar os mercadores
 Do pobre negro, e de um commercio infame.
 Arrojo, inspiração, nobresa d'alma
 Tudo n'elle brilhava n'esse dia
 Que ninguem esqueceu ; julgaram todos
 Ver Portugal erguer-se, altiva a fronte,
 Não réu, porém juiz, lançando em rosto
 Ao vencedor o vencimento indigno.
 Era a patria a fallar, era o protesto
 De um povo despresado (n'outro tempo
 Generoso e potente, e que hoje mesmo
 Poderá ensinar o que é ter alma
 Às primeiras nações) ; candente a frase,
 Qual do seu peito o fogo, e fervorosa
 Dos labios lhe sahia ; fulminava
 Com os olhos ; co'o braço distendido
 Como que ameaçava ; era sublime !

Calou-se a grande voz da liberdade ;
 Cahiu o braço que luctou por ella !
 Tribuno popular dos homens livres,
 Serviu-lhes de farol de salvamento
 Na furia da borrasca, e muitas vezes
 Co'a palavra inspirada e poderosa
 Sobrelevou da tyrannia os gritos.
 Quando foi necessario sempre firme
 O encontraram no posto de mais risco.
 Inda ha pouco, inda ha pouco na tribuna
 O vimos levantar contra as idéas
 Que esses negros apóstolos do erro
 Pregavam sem pudor, sob a apparencia,
 Sob o nome da santa caridade.

Aos golpes seus que o povo secundava
O templo da traição ruído, desfez-se,
E cheia de pavor deixou, fugindo,
As nossas terras a infernal cohorte.
Ó praias do Mindello, ó Porto, ó dias
De provação, de p'rigos e pelejas,
Dizei como elle combateu sem medo
Á frente d'esses jovens patriotas
Que trocaram os livros pelas armas,
Quando a patria o exigiu; como ante a morte
Nunca a face voltou, fiel soldado;
Só para conquistar a liberdade
Expondo a vida no verdor dos annos.

Pranteia, Portugal, perdeste um filho
Dos mais nobres que has tido. Prompto sempre
A te servir co'a voz, co'a pena e espada,
Quaes as mercês que te pediu? que titulos,
Que honras o acompanharam na existencia?
Não as que tu lhe déste, mas sómente
As que elevam o homem que na senda
Caminha da virtude e do direito;
Não os brasões e titulos rendosos
Que dispensa o poder, porém seus dias
De gloria, mas seu nome que não morre.

Se podesses tornar ao sol, á vida,
Ó claro cidadão tão cedo morto,
Se ao menos contemplasses por instantes
Como todos te seguem pesarosos
No momento fatal e derradeiro...
Se podesses... porém tu'alma vive,
E, ao mundo sup'rior, talvez agora
Da altura nos escuta e nos observa.
Se assim é, se de nós inda te lembras,
Abaixa a vista á nossa cara terra,
Sem ti, na magoa sepultada agora,
E as filas vê do prestito funereo.
Todos sem distincção vem tributar-te
Pranto, louvor, admiração, saudade.
Os amigos fieis choram o amigo,
E vão tristes, bem como se perdessem
Parte do coração, a luz brilhante

*

Que no meio da treva os conduzira ;
Os contrarios acurvam a cabeça,
Aterrados, attonitos, confusos,
Como o nauta que vê depois das ondas
Da tempestade a calma do oceano,
E fica meditando no naufragio
Que tão de perto viu, do mar na força,
No seu nada, na mão do Omnipotente ;
Os nobres reconhecem que ha nobresas
Que valem mais que a sua ; e o povo, o povo,
O teu irmão que sem cessar amaste,
E que sempre te amou, lamenta a perda
Do que cifrava em si su'alma e idéas,
Do seu grande orador, do seu tribuno.
A dor, a admiração uniu n'um corpo
Os que separa o odio, a intriga, a inveja ;
Todos correram prestes, porfiosos,
Qual costumam correr se um golpe d'estes
Faz gemer a nação, ou quando a espada
De invasor estrangeiro a patria ameaça.
Vê tambem como a terra onde ganhaste
Mais palmas e ovações, como Lisboa
Te destina uma estatua, um monumento,
E ao teu paiz natal, á tua Aveiro
Disputa a honra de guardar-te os restos.
Vê tudo, e lá do empyreo onde hoje moras
Tua alma folgará, não por vaidade,
Que nunca a houveste, e que nos céus não entra,
Mas por achares do teu povo o affecto
Inda depois da morte comprovado.
E se alguma tristesa n'esse assento
De jubilo e de amor vier turbar-te
Será por não logreres nossa magoa
Consolar como outr'ora, e por á patria
Não poderes servir, como serviste.

J. RAMOS COELHO.

A EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE 1862

Em Londres

I



a onze annos, quando foi apresentado ao Principe Alberto de saudosa memoria o plano de uma Exposição nacional em Londres, replicou elle em continente — e por que não ha de ser universal?

Nasceu d'esta simples observação de um elevado espirito o projecto e a realisação do grande jubileu industrial que em 1851 congregou, no esplendido Palacio de Crystal, os representantes do trabalho de todas as nações civilisadas.

Esta idéa tão nova e tão sympathica de reunir n'uma grande cidade e n'um palacio magnifico os productos da industria de todos os povos, para os estudar e com-

parar, abrindo d'este modo novos caminhos ás relações internacionaes, foi acolhida e saudada com enthusiasmo quasi pela unanimidade dos homens intelligentes, e todos a aceitaram então como de origem essencialmente ingleza.

Alguns escriptores francezes, que são hoje nimiamente escrupulosos em materia de perioridade, reclamam para França a gloria de haver concebido, primeiro que ninguem, a idéa de uma Exposição Universal.

Escusado nos parece debater aqui esta questão. A França para conservar e assegurar a sua eminente posição á frente do movimento intellectual e civilizador de uma grande parte do mundo não carece de firmar o direito de invenção das Exposições Universaes, nem mesmo o das nacionaes e provinciaes, que até hoje tem realisado, regular e periodicamente, precedendo incontestavelmente n'este empenho a todos os outros povos.

Na concepção das grandes idéas e dos grandes descobrimentos é bem difficil estabelecer direito indisputavel de perioridade.

O espirito humano trabalha incessantemente desde longos seculos, e nos vestigios d'este trabalho não é difficil encontrar o germen de todas as idéas novas, que, no engenho dos grandes homens, se vão successivamente aprestando para se tornarem realidades.

Nihil sub sole novum.

Entre os que concorrem ao alargamento das conquistas da civilização só podemos ter como verdadeiro inventor benemerito aquelle que pela primeira vez constituiu uma boa idéa nas condições de ser realisada.

Sem negarmos ao Sr. Amédée Conder o merecimento de haver lembrado em França, no reinado de Luiz Filippe, a conveniencia de uma Exposição Universal, o que para nós é inquestionavel, é que á iniciativa do Principe Alberto devemos a primeira Exposição internacional

Pela grande influencia que este Principe teve na vida industrial, artistica e economica da Grãa Bretanha, e debaixo da sua alta e esclarecida direcção foi tão felizmente realisada em Londres a Exposição internacional de 1851.

Teria sido possivel, antes d'esta época, e em outra parte, fazer o mesmo que ali se fez? É-nos permittido duvidar, se mettermos em linha de conta as intimas relações que existem entre a indole das Exposições internacionaes e os principios da escola economica, que em Inglaterra tinha alcançado pouco antes o seu primeiro triumpho com as reformas de Sir Robert Peel.

A Exposição de 1862, que acabamos de presenciar foi ainda planejada e promovida debaixo das inspirações do Principe Alberto: mas não quiz a sorte que tão illustre personagem chegasse a vêr realisado o grande projecto, que tanto affeiçoára. O lugar, que deixou vago, ninguem o occupou, e a esta grande solemnidade da industria moderna faltou uma luz que difficilmente podia ser substituida. Não foram só os inglezes a deplorar esta falta, todos os estrangeiros a

sentiamos, e nas esplendidas festas da Exposição facilmente se reconhecia alguma cousa profundamente saudosa, que era a ausencia d'aquelle que devia occupar o primeiro logar.

Apesar do fatal acontecimento, que roubou á Inglaterra um Principe tão esclarecido, ás sciencias um amigo tão dedicado, e ás artes e á industria tão desvelado protector, o anno de 1862 ficará sendo uma das épocas memoraveis nos fastos industriaes do presente seculo.

Não podemos deixar de considerar a Exposição internacional, que ha pouco terminou em Londres, como a 3.^a Olympiada ou antes o 3.^o grande Jubileu industrial.

A de 1851 surpreendeu pela novidade e pela elegancia: a de 1855 maravilhou por incontestaveis progressos revelados e pela disposição scientifica das suas partes: a de 1862 assombrou pela immensa riqueza e variada abundancia dos seus productos.

O que era uma novidade e uma festa industrial em 1851, é hoje quasi uma instituição util e necessaria ao progresso da civilização.

Tudo quanto tendia a conservar separadas e isoladas as diversas nacionalidades era barbaro e selvagem: tudo quanto tende a aproximal-as e unil-as pelos interesses e pelos affectos é altamente progressista e christão.

Para aproximar e entrelaçar em boa harmonia as nações do globo, nada é mais efficaç, depois das vias de communição rapida e facil, do que as exposições internacionaes e os congressos scientificos, que serão um dia os grandes concilios na egreja do progresso.

As grandes feiras, que na idade média assumiram tanta importancia, foram como as precursoras das modernas exposições; serviram por tal modo a civilização e lançaram tão profundas raizes que, ainda hoje, apezar das reformas economicas por que têm passado as sociedades modernas, muitas d'ellas continuam a existir com certa força e esplendor.

No tempo em que a maior parte da Europa gemia debaixo do regimen turbulento e oppressor do feudalismo, o commercio vivia torturado e não podia estender as suas operações a distancias consideraveis, sem que se expozesse a insupportaveis vexames da parte dos senhores, cujos territorios lhe era necessario atravessar. Assim os povos viviam miseravelmente privados da faculdade de trocar os productos do seu trabalho com os dos outros povos, e a riqueza e o bem estar da sociedade não podiam constituir-se e progredir. A egreja christã, que ainda então se conservava á frente da civilização e do progresso, promoveu, com o louvavel pretexto de tornar mais solemnes e esplendidas certas festas religiosas, as feiras francas, a que as mercadorias podessem affluir de toda a parte livres dos direitos, que os

senhores territoriaes arbitrariamente exigiam. Foi este o primeiro passo para a liberdade do commercio, que, se ainda hoje não existe completa, ha de vir a firmar-se talvez pela influencia poderosa das exposições internacionaes.

O que fizeram n'esses tempos as feiras tão celebres de Francfort, de Leipsig e tantas outras continuam-o agora, e n'uma escala immensamente maior e em mais rapida progressão, as Exposições internacionaes de Londres e de Paris.

Nas grandes feiras, que tiveram o seu principal incremento na idade media, o commercio era a unica razão apparente da sua existencia economica: facilitar a collocação e aquisição das mercadorias aos commerciantes, aos industriaes e aos consumidores: os outros resultados decerto não foram previstos, mas produziram-se como consequencias naturaes das relações estabelecidas em tão numerosas concorrencias.

O aperfeiçoamento nas communicações, a suppressão das numerosas alfandegas interiores, a liberdade industrial, e o progresso das relações commerciaes, que fazem de cada cidade uma feira permanente, diminuiram a importancia das antigas feiras francas. Só nos paizes atrasados em civilisação é que ellas são ainda hoje uma necessidade. Na Russia a feira de Nijni-Novogoroe é ainda, e será por muito tempo, altamente importante para as relações commerciaes entre os grandes imperios do Oriente. Nas feiras de Meca na Arabia e de Hurdewar no Indostão, se a peregrinação religiosa é o pretexto, as transacções commerciaes são o resultado immediato e, pela concorrência e communicação de tantos povos de origens e civilisações diversas, hão de afinal penetrar n'aquellas regiões, ainda tão separadas da communhão christã, as novas idéas economicas.

Inquestionavelmente as feiras, como todas as outras occasiões, em que a parte activa ou intelligente dos diversos povos se reúne com um pensamento pacifico e conciliador, promovendo a communicação das idéas uteis e a destruição de prejuizos e preconceitos absurdos e nocivos, creando ou estreitando relações de amisade ou interesses commerciaes, concorreram de um modo efficaç, ainda que indirecto, para os progressos da civilisação.

Hoje as exposições internacionaes vão directamente a esse fim pelo estímulo na perfeição do trabalho, pela ancia de adquirir novas relações, e pela louvavel curiosidade de conhecer o que cada povo tem feito e é capaz de fazer na grande obra a que nos destinou a providencia de Deus.

Se a Inglaterra e a França arvoram alternativamente o estandar-te das Exposições internacionaes, em torno d'este teem visto sempre reunidas as outras nações, offerecendo desinteressadas o seu contin-

gente e partilhando com ellas os trabalhos e glórias d'estas civilisadoras cruzadas.

Alguns espiritos, melancolicos ou fatigados, não acreditam na utilidade das Exposições internacionaes, e julgam até que esta, a que acabamos de assistir, será a ultima. Porém, como pela nossa parte estamos vendo que o sentimento geral é outro, e que cada uma das passadas exposições se avantajou consideravelmente á que a precedeu, não podemos acreditar que se abandone o caminho encetado, e estamos convencidos de que estes grandes congressos industriaes teem ainda adiante de si largo campo a percorrer e immensas vantagens a produzir.

Qualquer que seja a opinião que cada um possa ter sobre esta questão, o que é inquestionavel é que a Exposição internacional de 1862 foi um grande facto economico, que attrahiu a attenção de todo o mundo e como tal deve ser fertil em resultados importantes.

Poderemos nós dar aqui, aos leitores da Revista, uma resumida noticia do que foi a Exposição de Londres n'este anno? A tarefa é ardua por ser extremamente difficil e até quasi impraticavel representar em quadro limitado a extensa vista de um campo em que se reuniram as riquezas de todos os povos da terra. Mas na alternativa de guardar silencio ou dizer pouco em relação á immensidade do objecto, preferimos este ultimo arbitrio, ainda que seja o menos commodo, tomando a liberdade artistica de certos pintores de panoramas, que não receiam indicar apenas pelas linhas principiaes os objectos notaveis que caracterizam a paizagem.

Emprehender uma descripção completa de todas as riquezas que encerrava a Exposição de Kensington seria o mesmo que intentar a historia universal do trabalho humano; equivaleria a elaborar um Cosmos industrial. Não somos para tanto. Diremos pouco, mas diremos a verdade.

II

Na primeira Exposição universal, que teve logar em Londres em 1851, o Palacio de Crystal, que se edificou expressamente para a abrigar, atrahiu só por si tanta ou mais admiração do que os proprios objectos que encerrava. Era uma construcção de ferro e crystal, elegante, esbelta, quasi vaporosa, um palacio de fadas, sem antecedente na historia das construcções civis e que foi buscar a sua origem aos palacios de Flora. Lá está ainda em Sydnham, para onde o transportaram, erguendo-se ufano entre jardins encantados, maravilha d'este seculo, e uma das glórias da Inglaterra.

Como palacio de Exposição industrial, tem grandes inconvenientes,

e porisso, apesar do enthusiasmo que produziu no seu primeiro apparecimento, não tem sido imitado nas Exposições posteriores.

O palacio da Industria levantado nos Campos Elysios para receber a Exposição universal de 1855, que se effectuou em Paris com tanta honra para a França, tomou já um caracter de monumental estabilidade, sem comtudo satisfazer rigorosamente ás justas exigencias da arte. O seu porte é elegante, a disposição das suas partes dá-lhe um aspecto nobre sem demasiada correcção, mas não causou a impressão que havia produzido o palacio de crystal, por não ter, como elle, o prestigio da novidade, a liberdade de fórmãs nem a audacia da concepção.

Foi visto com prazer, mas sem enthusiasmo: não deslustrou os architectos que o erigiram, mas o nome d'estes não se tornou popular como o de Paxthon.—Entre o palacio da Industria e os objectos n'elle expostos não houve rivalidades perante a publica attenção.

O novo palacio de Kensington foi menos feliz do que os seus antecessores. A imprensa ingleza foi a primeira a condemnal-o: levantaram-se contra elle unisonos clamores, e bem poucos o defenderam; os que lhe não eram hostis limitaram-se a desculpal-o. Muito, demasiado talvez, se tem já escripto sobre este assumpto, e por isso não faremos nós nem a descripção nem a critica do grande palacio industrial de Kensington, diremos apenas que ao ver pela primeira vez o seu exterior, ainda incompleto, não recebemos uma impressão muito agradável. Gigantesco edificio de tijolo, com escassas aberturas, o que lhe dá um aspecto pouco franco e sympathico; occupando uma arca immensa entre ruas, comparativamente apertadas, apesar da sua largura, e que tolhem uma perspectiva favoravel; por em quanto sem revestimento nem ornatos, que quebrem a sua immensa monotonia, é uma construcção hybrida, triste e melancolica, com as feições demasiadamente positivas de uma fabrica, ou extremamente severas de uma prisão. Mas não estando ainda a obra completa, todo o juizo definitivo seria precipitado; póde bem ser que as ornamentações, que se projectam, lhe componham a physionomia, dando-lhe um character novo, que em todo o caso parece abandonar todas as tradições artisticas. E na verdade a architectura civil está passando por uma grande transformação. Os dois edificios levantados em Londres, no intervallo de dez annos, para as Exposições internacionaes, são inquestionavelmente dois actos revolucionarios na arte das construcções. Discuta-os embora a critica, porque a discussão é necessaria, mas não os sentencieie já a opinião publica, por que o processo não está findo. As revoluções nas artes, na sciencia, e na politica, só podem ser bem julgadas quando se acham completas.

Penetrando no interior do Palacio pelas portas de Leste, em Exhibition Road, ou de Oeste, em Prince-Albert's-Road, as quaes olham para a grande Nave na direcção do eixo central do edificio, a impressão que recebemos é inteiramente diversa, immensamente mais favoravel, e sobretudo solemne. Pelas leis da perspectiva interior dos grandes edificios, o que nos fêre immediatamente a vista é a sua parte mais elevada. Aqui a feição característica do palacio de Kensington é toda religiosa. Parece que entramos em uma cathedral da idade media: a grande nave, os transeptos, a ornamentação bysantina dos tectos e das arcadas que os supportam, os vidros pintados das rosaceas, a desmesurada aspiração das cupulas gigantescas de crystal, e até os magnificos orgãos, expostos nas tribunas, tudo revêla o sentimento religioso, tão intimo e profundo na raça anglo-saxonia.

Este sentimento acha-se ali traduzido nas inscripções, que, em letras de ouro sobre fundo azul, adornam os largos frizos das rotundas de Leste e Oeste, sobre que repouzam as duas grandes cupolas de vidro.

Transcrevemos aqui literalmente estas inscripções tão apropriadas ao destino do edificio e tão proprias para moderar o orgulho natural do homem ao contemplar os portentosos resultados do seu trabalho e do seu engenho.

Lê-se na retunda do Leste:— «*O Lord, both riches and honour come of thee, and thou reignest over all; and in thine hand is prower and might; and in thine hand is to make great.*»»

E na do Oeste o seguinte:— «*Tua est Domine magnificentia, et potentia, et gloria, atque Victoria: et tibi laus: cuncta enim quae in caelo sunt, et in terra tua sunt, tuum Domine regnum.*»

Não digam que o século presente se fez materialista, e que a sciencia e a industria progressista, por haverem tomado a peito os melhoramentos, que chamam materiaes, desconhecem a mão de Deos que as guia n'este incessante labor, e repellem todo o sentimento religioso.

O progresso nas sciencias, nas artes e na industria, e o bem estar physico, que elle procura vulgarisar, não é incompativel com o aperfeiçoamento moral; antes, pelo contrario, para elle tende incessantemente. A satisfação intima que do primeiro resulta torna o homem mais propenso aos sentimentos e affectos, que são a base do christianismo—a gratidão para com Deos, e o amor para com o proximo.

O ocio, que produz a miseria, não gera a virtude. O trabalho intelligente, que dilata os nossos recursos, aperfeiçoa e moralisa o espirito.

O dominio do homem sobre a materia foi-lhe dado por Deos: os que trabalham nos melhoramentos materiaes cumprem um preceito da Divindade.

Assim aquellas inscripções, aquella feição quasi religiosa, dada á parte mais nobre do palacio da Exposição, concilia-se perfeitamente com o magestoso espectaculo, que, por entre a animada concorrencia dos visitantes, tantas vezes admirámos.

(Continúa)

J. PIMENTEL.

CHRONICA LITTERARIA



echei a ultima chronica, promettendo apreciar n'esta, o romance *Coisas espantosas*, de Camillo Castello Branco, e o livro *Recordações de Pariz e Londres*, de Julio Cesar Machado. Vou cumprir a promessa.

N'esta terra ha inquestionavelmente pronunciado geito e decidida tendencia para engrandecer as coisas de fóra e amesquinhar as nossas. Principiou por moda, e como todas as modas, quer sejam ridiculas, generalizou-se. Ora a palavra moda é de todas quantas se inventaram até hoje, a mais prodigiosa, apesar de terem havido outras de tão grave influencia para agitar paizes, apaixonar espiritos, revolucionar populações, promover crises e derrubar ministerios. É verdade que a maior parte d'estas desvaneceram-se subitamente sem deixar o menor traço que as recorde como uma gotta de agua no oceano, em quanto que a palavra moda sobrevive a todas e impera sempre. Nenhuma ainda lhe ex-

cedeu em prestigio nem lhe eclipsou o poder: é a primeira realleza da época. Mesmo aquelles que pretendem negar-lhe o dominio absoluto, reconhecem-lh'o mais tarde ou mais cedo. Os mais ferozes detractores tornam-se insensivelmente satellites voluntarios. Não ha profissão de fé que lhe resista, não se levanta opposição que não corrompa. Mão é, pois, tornar-se moda um absurdo qualquer. Vigora necessariamente, é questão de tempo. As *Madelon* e *Philaminthas*, os *Trissotins* e *Vádios* do seculo XIX, como representantes do bom tom, negaram fóros de elegantes, de civilisados, e até de intelligentes, creio, aquelles que não deprimissem, verberassem ou satyrisassem tudo o que tivesse cunho nacional. Foi o que bastou. Raros prescindiram de habilitar-se ao diploma.

Não se explica realmente esta mania de apregoar que valem pouco. É o avesso do que se pratica no estrangeiro. Lá, a gloria da nação está acima do sentimento ou da filancia individual. O homem passa, a nação fica. Cá, não se entende isto assim. Em Portugal cada cidadão é um vulto notavel, e o paiz um pedestal. E como pedestal o alham, e como pedestal o consideram. Para subirem a elle é que todos luctam, se hostilisam, se acotovellam, se fulminam, se molestam, se despedaçam e se esmagam. Mas a final se muitos logram subil-o, sem auxilio do merito ou do talento, mas só da vontade ou da fortuna, que acontece? Alluir-se o pedestal cada vez mais com o peso do barro das estatuas.

Talvez o leitor imagine que me esqueci das *Coisas espantosas*, e que tenho estado a divagar fóra de proposito? Pois affianço-lhe que não. Foi o mesmo romance de Camillo Castello Branco, que me promoveu essas considerações. E sabe porque? Porque tenho a certeza que se nascêra em França tão fecundo romancista, havia de rivalisar em prestigio com Alexandre Dumas, Mery e Balzac, e que n'este caso os quarenta volumes que já conta publicados, seriam por vezes discutidos nos nossos salões e guarneceriam as estantes das nossas damas. Mas nasceu em Portugal, o que torna mais demorado o conhecimento das suas publicações... em Lisboa. Tanto isto é assim que em quanto o editor Pereira vende na capital cem exemplares de um livro de Camillo, vende tresentos no Minho, pois, cumpre dizer em honra d'aquella boa terra, que é o canto de Portugal onde se lê mais portuguez, e onde supponho tambem que se falla melhor.

Folheem, examinem, confrontem esses quarenta volumes do nosso romancista com os dos citados romancistas francezes, e digam com a mão na consciencia, se estes o excedem em fertilidade, em engenho, em estylo e em observação. Respondam se Camillo não tinha eguaes direitos á admiração e espanto com que sauda-

vam cada nova obra de Dumas ou Balzac? Produz acaso, menos? Distancia-se, porventura, d'elles, no esplendor da linguagem, na energia das paixões? Fatal mania é esta de só se curvarem diante dos estranhos! Aceitam cegamente todos os diplomas que lá dão aos escriptores, diplomas quasi sempre exagerados embora alguns merecidos, e hesitam em lavral-os verdadeiros aos nossos homens de letras e de sciencia! Não se convencem que em Portugal, o que menos falta é talento. Já o disse Garrett, mas parece-me que ha muita gente que duvida, n'este ponto, da sua palavra. Se não duvida, finge duvidar — por conveniencias sociaes. Quando um nome tão auctorizado, não conseguiu propagar lisongeiramente tal verdade, que esperança pôde restar ao chronista?

Opportunamente me accudiu aos bicos da penna o nome de Garrett. É uma das glorias d'esta terra que não deixa invejar as primeiras lá de fóra. E a par de tão grande vulto contamos ainda Alexandre Herculano e Castilho. Abri as obras do primeiro, e dizeis se algum escriptor estrangeiro o excede em singeleza e mimo de linguagem e em primor de fórma? Folheai a historia e o romance do segundo e apontai-me outro que o vencesse na energia do estylo, no grandioso das imagens e na profundeza das considerações. Lêde o terceiro e indicai-me tambem mestre superior nos segredos da lingua, na melodia dos versos e na suavidade da phrase.

Se Victor Hugo e Lamartine tiveram seguidores e discipulos que os honraram, tambem Garrett, Castilho, e Herculano se gloriam do mesmo.

Que vocações ou talentos se manifestaram em outros paizes que não raiassem igualmente á luz d'este sol ardente e esplendido?

Já dominou alguma assembléa voz mais eloquente que a de José Estevão, do grande orador que era ainda hontem na tribuna uma realesa, e que hoje descido ao tumulo, lega uma memoria tão radiosa e tão immortal como a de Mirabeau?

Attentai agora na pleiada de modernos escriptores e vereis poetas distinctos, como Mendes Leal, João de Lemos, Bulhão Pato, Thomaz Ribeiro e Palmeirim; prosadores brilhantes como Rebello da Silva, Latino Coelho, Camillo Castello Branco, A. A. Teixeira de Vasconcellos, Julio Cesar Machado e outros. Entre os homens de sciencia tambem encontrareis vultos eminentes como João de Andrade Corvo, visconde de Villa Maior, Lourenço, Magalhães Coutinho e Thomaz de Carvalho. Francamente não vejo razão que auctorisae a descrença que nos rodeia? Mas talvez digam que esta minha incredulidade provém das exigencias que me impõe o elogio mutuo. Se o elogio mutuo consiste em prestar sempre homenagem ao merecimento reconhecido, declaro que fui, sou e serei seu cons-

tante observador. Falsearia o coração e a consciencia praticando o contrario.

Esboçarei em seguida as impressões que me ficaram da leitura do romance *Coisas espantosas*. Camillo Castello Branco affastou-se n'este livro do molde que ultimamente adoptára para os seus quadros. Quiz realçar-lhe o effeito, alargando os episodios e agrupando maior numero de figuras. Alli succedem-se a cada instante os acontecimentos, complicam-se a cada pagina as situações, renovam-se a cada capitulo os incidentes dramaticos. O interesse nunca esmorece; a curiosidade prolonga-se em sobresalto até ao desenlace. Nas *Coisas espantosas*, sente-se reviver o auctor dos *Mysterios de Lisboa* e do *Livro de Padre Diniz*. E quem sabe? Talvez Camillo escrevesse agora as *Coisas espantosas* para provar que dispunha das mesmas faculdades inventivas que o enriqueciam ao encetar o romance, e que não foi porque ellas o desamparassem que simplificou os seus paneis. Simplificou-os porque a consciencia do escriptor lhe aconselhava, que sacrificasse os arrojos da phantasia á verdade da acção, á logica dos caracteres e á profunda analyse das paixões humanas. Foi, pois, obedecendo a este convencimento que dotou a litteratura nacional com os bellos romances — *As tres irmãs*, o *Romance de um homem rico* e o *Amor de perdição*, que a meu ver, ostentam bellas maiores e dotes superiores.

Mas, se o intento de Camillo era, como eu já insinuei a suspeita, mostrar nas *Coisas espantosas* que conserva ainda tão farta e viçosa a imaginação como outr'ora, logrou maravilhosamente esse intento. Na fabula da obra ha enredo para satisfazer os mais exigentes. Justifica plenamente o titulo, titulo caprichoso, titulo elastico, titulo provocador, titulo que singularisa o livro, e que logo explicou ao chronista a razão do livro.

Entre as coisas espantosas que apparecem n'aquelle livro, citarei apenas uma, para aguçar a curiosidade do leitor, se é que resta algum que o não lesse ainda, citarei o typo grandioso, o vulto nobre, o anjo providencial de tão surprehendente e assombrosa historia. É Gregorio de Redondella, é um gallego! Camillo lembrou-se idealisar d'esta vez um cidadão de Tuy! Que excentricidade! O sr. Alexandre Herculano pôz em duvida o logar do gallego entre os homens; Camillo achou um gallego tão aferrado á condição de homem que morre Gregorio de Redondella, podendo morrer barão. Rehabilita-se com isto, e rehabilita-se porque Almeida Garrett disse: «o barão é uma variedade monstruosa ingendrada na burra de Balaham, pela parte essencialmente judaica e usuraria de sua natureza em coito damnado com o urso Martinho do Jardim das Plantas, pela parte franchinotica e sordidamente revolu-

cionaria do seu character.» Este juizo do auctor das *Viagens na minha terra*, é que salva o heroe do romance de Camillo.

As *Coisas espantosas* segue-se o livro *Recordações de Pariz e Londres*. Se aquellas confirmam mais uma vez ao auctor a merecida reputação de primeiro romancista portuguez; este, mantem com brilhante relevo, o titulo de primeiro folhetinista nacional, a Julio Cesar Machado. As *Recordações de Pariz e Londres*, são, a meu ver, uma serie de ligeiros, graciosos, travessos, expressivos e atrahentes folhetins. Julio Cesar Machado, viu, observou e commentou Londres e Pariz, como vê, observa e commenta Lisboa. Prenderam-o eguaes attensões, chamaram-o os mesmos divertimentos, attrahiram-o identicos encantos. Divagou pelos boulevards analysando e deleitando-se com a elegancia fascinadora das parisienses: entrou nos cafés pasmando com a vida e movimento que se lhes nota, e regosijando-se com a fabulosa sêde de *espírito* que domina os frequentadores: esvoaçou pelos theatros maravilhando-se com a primorosa declamação de Sanson e de Augustine Brohan, no theatro francez; rindo com Ravel e Hyacinthe no Palais-Royal; deleitando-se com Victoria e Lesueur no Gymnasio; e estorcendo-se de aborrecimento no Ambigu, na Gaité, e na Porte-Saint-Martin, aos gritos dilacerantes, ás exclamações ruidosas, aos *ahs* pavorosos, aos *ohs* afflictivos, dos grandes interpretes do melodrama. Introduziu-se tambem em Mabilie e em Chateau-des-fleurs, enthusiasmando-se com os voluptuosos e provocadores meneios do *cancan*, e com os feiticceiros olhares e espirituosas palestras das decantadas *lorettes* que tanto e tão bem sabem dizer, e que nada lhes é licito sentir... por instincto e natureza. Depois percorreu Versailles, visitou o Louvre, e assistiu a uma solemnidade na igreja da Madeleine. As impressões que lhe ficaram de tudo isto revelou-as singelamente n'esse livro, sem buscar adubal-as de erudicção, sem ornamental-as de pretenciosa analyse; buscou antes conservar-lhes a fórmula privilegiada da sua natural vocação litteraria.

Passou em seguida a Londres e teve... saudades de Pariz. Para mim tal sensação explica-se completamente. Dias depois da chegada de Julio Cesar, parti eu de Lisboa, para fazer igual digressão; mas segui diverso itinerario; fui primeiro a Londres. Já se vê que, sair de Lisboa e entrar em Londres, não equivale a entrar em Londres saindo de Pariz. Ora é isto mesmo que mais justifica a meus olhos a franca confissão de Julio, pois declaro que o excedi; chegando a Londres... tive saudades de Lisboa. Não fazem idéa da profunda tristeza que se apoderou de mim quando me achei na sumptuosa capital de Inglaterra! Pezava-me a atmosphera, indispunha-me a cor pardacenta das casas, aturdiu-me o extraordinario movimento nas

ruas ! Mas depois, em frente dos monumentos gigantescos que a realçam, no interior do palacio da Exposição, e nos jardins do palacio de Crystal, fugiu-me a tristeza, largou-me o *spleen*, para só prestar o culto intimo da admiração. O Palacio de Crystal ! um conto de fadas ! uma surprehendente maravilha ! uma visão fantastica e deslumbrante ! Era sob aquella abobada de vidro que Julio Cesar, devêra escrever mais um folhetim para juntar ao seu livro. Sinto devêras que o não escrevesse. O seu estylo imaginoso e florido prestava-se ao assumpto. Talvez receiasse que lhe chamassem exagerado, e que suppozessem que idealisava. E era para receiar. O Palacio de Crystal quasi que se não descreve, ou antes não se descreve. Alli a verdade excede a mais rica phantasia !

Julio Cesar todavia não modificou como eu, a sua opinião, depois de contemplar as bellas e sumptuosidades de Londres. Continuaram a perseguil-o as saudades de Pariz. Os prazeres e divertimentos d'esta cidade accommodavam-se mais ao seu character, naturalmente alegre. Viajou como rapaz, e observou como folhetinista. As *Recordações de Pariz e Londres*, denunciam as inclinações do primeiro e attestam a valia do segundo.

Não prolongarei mais a analyse do novo livro do auctor dos *Contos ao luar*, porque n'este mesmo numero da *Revista Contemporanea*, lavrou a penna auctorisada de Camillo Castello Branco um bem elaborado juizo critico da obra.

Era dever porém registrar na chronica o merecimento incontestavel das *Recordações de Pariz e Londres*. Foi o que fiz nas linhas que ahi deixo traçadas ao correr da penna.

ERNESTO BIESTER.